



**FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**ANÁLISE DO IMPACTO DOS EUA E CHINA NO PROCESSO DE
REAPROXIMAÇÃO COREANA**

RECIFE – PE
2018

ROBERTA LUIZA DUTRA CAHÚ

**ANÁLISE DO IMPACTO DOS EUA E CHINA NO PROCESSO DE
REAPROXIMAÇÃO COREANA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Relações Internacionais da Faculdade Damas da Instrução Cristã – FADIC, em cumprimento à exigência para obtenção do título de Bacharel.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Elton Gomes dos Reis.

RECIFE – PE
2018

Catálogo na fonte
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB/4/2116

- C132a Cahú, Roberta Luiza Dutra.
Análise do impacto dos EUA e China no processo de
reaproximação coreana / Roberta Luiza Dutra Cahú. – Recife, 2018.
60 f.
- Orientador: Prof. Dr. Elton Gomes dos Reis.
Trabalho de conclusão de curso (Monografia – Relações
Internacionais) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2018.
Inclui bibliografia
1. Relações internacionais. 2. República Popular Democrática da
Coreia. 3. República da Coreia. 4. Estados Unidos da América. 5.
República Popular da China. 6. Reaproximação coreana. I. Reis, Elton
Gomes dos. II. Faculdade Damas da Instrução Cristã. III. Título.
- 327(73:510) CDU (22. ed.) FADIC (2019-214)

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo, agradeço a Deus por mais esta realização.

Dedico a minha família, que sempre me apoiou e acreditou em mim. Agradeço por toda a motivação, apoio e carinho dados durante essa trajetória e durante a minha vida.

A meus amigos, que marcaram a minha vida e cresceram junto comigo nessa trajetória de quatro anos. Agradeço por todas as experiências proporcionadas, foi um prazer ter a oportunidade de ter pessoas tão especiais em meu caminho, que sempre estiveram dispostas a ajudar uns aos outros e crescerem juntos.

A meus professores, por todo o conhecimento fornecido, dedicação, motivação e paciência comigo e meus amigos. Cada um de vocês me marcou de uma forma única, só tenho a agradecê-los por esses quatro anos de formação e enriquecimento tanto acadêmico como pessoal.

Agradeço especialmente ao professor Dr. Thales Castro, por ter sido quem me despertou o interesse sobre o estudo das Coreias; e ao meu orientador e professor Elton Gomes por todo apoio, contribuição, críticas construtivas e principalmente por ter acreditado em mim e no meu trabalho.

A todos os outros que não foram citados, mas que me acompanharam fizeram parte dessa trajetória, meus sinceros agradecimentos. Obrigada por me cativarem e se deixarem cativar por mim.

“Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”

Antoine de Saint-Exupéry

RESUMO

Desde sua separação territorial, após o final da Segunda Guerra, as duas Coreias vem caminhando em sentidos distintos, em razão das influências políticas que sofreram durante o período da Guerra Fria. Abordamos nesse trabalho o conflito que se estende para além da Guerra Fria, bem como a análise crítica e teórica das políticas dos EUA e Coreia do Sul em relação à Coreia do Norte e a situação de instabilidade que vem causando no Cenário Internacional. O objetivo deste trabalho é averiguar a relação entre a conjuntura política de 2017 e 2018 na mudança de postura da Coreia do Norte. Além disso, ressaltar as tentativas de reaproximação entre as Coreias, que tomou novos rumos no cenário atual.

Palavras-chaves: República Popular Democrática da Coreia. República da Coreia. Estados Unidos da América. República Popular da China. Reaproximação coreana.

ABSTRACT

Since their territorial separation, after the end of World War II, the two Koreas have been moving in different directions because of the political influences they suffered during the Cold War period. We address in this work the conflict that extends beyond the Cold War, as well as the critical and theoretical analysis of US and South Korean policies towards North Korea and the situation of instability it has been causing in the International Scenario. The objective of this work is to investigate the relationship between the political conjuncture of 2017 and 2018 in North Korea's change of position. In addition, to emphasize the attempts of rapprochement between the Koreas, that took new directions in the current scenario.

Keywords: Democratic People's Republic of Korea. Republic of Korea. United States of America. Popular Republic of China. Korean rapprochement.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO I - A GUERRA DA COREIA: O CONFLITO QUE SE ESTENDE PARA ALÉM DA GUERRA FRIA	10
1.1 Histórico das políticas entre Coreia do Norte, Coreia do Sul e Estados Unidos	14
1.1.1 O programa nuclear da Coreia do Norte e a resposta dos EUA, China e Coreia do Sul	16
1.1.2 Exercícios militares mais recentes e o perigo da instabilidade do governo norte-coreano	17
1.1.3 Síntese das abordagens internacionais em relação a Coreia do Norte – sanções	20
CAPÍTULO II - POLÍTICAS EM TRANSIÇÃO: AS NOVAS DIRETRIZES DOS EUA E DA COREIA DO SUL	26
2.1 Os EUA e sua política perante a Península Coreana	28
2.1.1A Era Trump.....	33
2.2 República das Coreias e a longa trajetória para a reunificação	36
2.2.1 Moon Jae-In: a nova face da Coreia do Sul.....	37
CAPÍTULO III - CAMINHOS PARA A REAPROXIMAÇÃO: CONDIÇÕES E PERSPECTIVAS	40
3.1 O Compromisso com seus aliados	40
3.2 Uma mudança inesperada	42
3.2.1 As condições da desnuclearização.....	44
3.2.2 Conselho de Unificação da Coreia: perspectivas sobre a ‘nova’ Coreia do Norte.....	47
3.3 Acordos para a desnuclearização: ainda há esperança	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54

INTRODUÇÃO

Apesar da separação territorial, e diferenças ideológicas, a história das Coreias permaneceu conectada e o seu relacionamento não deixou de existir, apesar das crises internacionais.

É importante destacar que a divergência ideológica surgiu antes mesmo de sua separação territorial. Ainda na situação de colônia japonesa, de acordo com Visentini, Pereira e Melchionna (2015), a Coreia teve seu primeiro partido socialista em 1918 e, em 1925, foi fundado o Partido Comunista da Coreia, duramente perseguido pelos japoneses.

Até 1945, o comunismo coreano esteve física e politicamente dividido. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o Japão perdeu o território Coreano, que acabou por ser separado em agosto de 1945 – um reflexo das influências internacionais no período da Guerra Fria.

A Guerra Fria acentuou as diferenças ideológicas existentes no território coreano, onde ao norte, na República Democrática Popular da Coreia (RPDC), prevaleceu a ideologia comunista – com apoio da China, e URSS – e ao sul, na República da Coreia, o capitalismo – tendo como grande aliado os EUA.

Com a consolidação das ideologias antagônicas, criou-se uma distância entre as nações que um dia foram uma. A RPDC especializou-se na área militar, sendo guiada pelo sentimento anti-imperialista¹, em especial, antiamericano. Assim, com o decorrer dos anos e as sucessões do governo norte-coreano, pode-se observar um aumento da rigidez e intolerância às ideias e opiniões que vão de encontro ao regime estabelecido, ou remetiam aos modelos ocidentais-capitalistas de vida. Como resultado dessas atitudes radicais, bem como seu investimento em armamentos nucleares, a Comunidade Internacional impôs diversas sanções² à Coreia do Norte como forma de cessar a sua nuclearização e os testes militares que o país vinha executando na região – causando preocupações, principalmente aos países vizinhos, Coreia do Sul e Japão.

Em período mais recente, durante intervalo de 2015 a 2017, a Coreia do Norte superou a frequência e a potência dos exercícios militares com mísseis balísticos no Mar da Coreia. Tais exercícios desencadearam sanções ainda mais severas, principalmente de natureza econômica. Porém, diferente das vezes anteriores, não só os EUA – como

¹ Anti-imperialismo é um sentimento de oposição ao imperialismo, sistema de governo que busca a expansão de um Estado por meio submissão econômica, política ou cultural, dos demais.

² Foram aplicadas à RPDC tanto sanções econômicas quanto comerciais.

“representante” dos interesses da Comunidade Internacional – obteve destaque na tentativa de acalmar e cessar os testes militares, a China e a Coreia do Sul também tiveram uma participação ativa nessa negociação.

A China, devido a sua proximidade com a Coreia do Norte, recebeu uma cobrança internacional – dos EUA – para que controlasse os testes e ameaças do líder Norte-coreano, Kim Jong Un, por meio de diplomacia e negociações.

Já a Coreia do Sul, por mais que não compartilhasse das mesmas ideologias, apesar das divergências e a situação de instabilidade da Península Coreana, utilizou-se da diplomacia e de tentativas de reaproximação como estratégias para acalmar o líder norte-coreano. Apesar de não ter sido a primeira tentativa de reaproximação, tal feito é considerado um marco histórico por ter sido eficaz, por ter funcionado, dadas as divergências existentes e estabelecidas entre as duas nações desde sua separação.

No ano de 2018, as Coreias começaram a se reaproximar, tendo como marco inicial participação conjunta nos Jogos de Inverno, sediados em Seul, que deu abertura para novas possibilidades de diálogo, resultando na histórica travessia da zona desmilitarizada, que dividia as duas nações. Esse gesto teve repercussão internacional, especialmente em relação à mudança de comportamento da Coreia do Norte, que se mostrou aberta ao diálogo e a possíveis mudanças.

Com um histórico de anos de tensões entre a Coreia do Norte e os Estados Unidos da América, incluso com um cenário recente de alerta de conflito, onde a Coreia do Sul atuou como mediadora; além de uma reaproximação inesperada entre as Coreias, destacam-se tanto a temática da possível unificação, como a de análise das condições que possibilitaram uma reaproximação entre as duas nações coreanas.

O estudo dessa temática contribui não só com uma visão de um possível cenário futuro para a história das Coreias e uma mudança no Cenário Internacional, mas também com uma análise dos obstáculos que são enfrentados pelos atores políticos envolvidos nesse processo com vistas a alcançar um cenário mais pacífico na Península Coreana.

Além disso, o trabalho trata de assuntos recentes do Cenário Internacional, possuindo grande valia por procurar entender as razões para as mudanças políticas ocorridas na região do nordeste asiático. Tais mudanças foram vitais para a manutenção da segurança da região, visto que a Coreia do Norte possui um histórico de comportamento hostil, que põe em risco a segurança dos países vizinhos.

Este projeto tem como tema a análise do impacto da atual estrutura de líderes dos EUA (Donald Trump) e China (Xi Jinping) no processo de reaproximação das Coreias, com

ênfase na mudança de comportamento do líder da Coreia do Norte, Kim Jong Un. A pergunta central deste trabalho é como se deu o processo político e de segurança internacional que culminou nessa nova postura do líder da Coreia do Norte, possibilitando esse novo cenário.

Os objetivos específicos deste trabalho consistem em explorar o histórico das políticas entre Coreia do Norte e Coreia do Sul, destacando a influência das potências hegemônicas sobre as Coreias; analisar as recentes mudanças nos governos dos EUA e da Coreia do Sul (2017-2018); e averiguar como esse novo cenário impactou na mudança de postura da Coreia do Norte, possibilitando uma reaproximação entre as Coreias.

O presente trabalho é de abordagem hipotético-dedutiva em que aplicando o método histórico e comparativo de *process-tracing* foi buscado compreender o impacto das transformações políticas na mudança de postura da Coreia do Norte para com o mundo.

Esta monografia, no ponto de vista de seus objetivos, é de cunho descritivo e explicativo com abordagem qualitativa. A pesquisa se deu através de revisão de material bibliográfico existente, como artigos teóricos englobando a teoria neorrealista defensiva, bem como livros de análise política e histórica com foco no tema discutido; além disso, foi realizada entrevista com ex-membro do Conselho de Unificação Nacional sobre acontecimentos tratados neste trabalho.

Neste contexto, dividimos o trabalho em três capítulos, com as seguintes abordagens: A Guerra da Coreia: o conflito que se estende para além da guerra fria; políticas em transição: as novas diretrizes dos EUA e da Coreia do Sul; e caminhos para a reaproximação: condições e perspectivas.

No capítulo 1 abordaremos o cenário a partir da Guerra da Coreia, evidenciando o contexto da separação territorial a partir do paralelo 38 N° e, com as circunstâncias da Guerra Fria, a consolidação das ideologias comunista e capitalista no norte e sul, respectivamente. A partir destes eventos, a história das Coreias começou a tomar rumos divergentes, refletindo na construção política dessas duas nações, onde ao norte se instalou um regime ditatorial que teve caráter sucessório hereditário, e ao sul, uma democracia, apesar de ter vivenciado períodos ditatoriais nos seus momentos iniciais.

Ademais, as posturas dessas duas nações perante a comunidade internacional também tomaram caminhos diferentes. Na medida em que a Coreia do Sul acompanhava o liberalismo dos EUA, a Coreia do Norte se isolou do mundo no período pós-Guerra Fria, o que levou o país a investir massivamente em sua segurança, representada pelo investimento em armamentos nucleares e testes de mísseis balísticos. A intensificação dos testes e hostilidades que acompanharam o comportamento norte-coreano levou o CSNU a aplicar

sanções contra a Coreia do Norte, como forma de cessar as atividades militares norte-coreanas, que causavam uma instabilidade na região da Península.

No capítulo 2 vamos apresentar o embasamento teórico para entender a tomada de decisão dos Estados no caso estudado, com foco no uso das armas nucleares como forma de dissuasão, além disso, serão abordadas as mudanças políticas dos EUA e da Coreia do Sul com seus novos governos, em 2017.

A partir do governo Trump, os EUA apresentaram um comportamento menos tolerante com as hostilidades norte-coreanas e um posicionamento mais severo perante a ameaça que os testes militares da Coreia do Norte representavam. Por outro lado, com o governo de Moon Jae In, a Coreia do Sul se mostrou mais aberta a uma reaproximação Coreana, tendo como condição principal a desnuclearização norte-coreana, a qual ameaça tanto a segurança da região do nordeste asiático, quanto a estabilidade das relações intercoreanas. As novas políticas refletiram nas relações destes países com a Coreia do Norte, o que possibilitou um cenário propício para as transformações que ocorreram na Península Coreana.

No capítulo 3 explanaremos a respeito da trajetória coreana para sua reunificação, juntamente com o compromisso dos EUA e China com seus respectivos aliados Coreanos. Além disso, será abordada a mudança de comportamento do líder norte-coreano que deu abertura ao diálogo com os EUA e possibilitou uma reaproximação entre as Coreias.

O capítulo será finalizado com as declarações para a desnuclearização da Coreia do Norte como premissas necessárias à reaproximação coreana e estabelecimento de boas relações diplomáticas com os EUA. Será evidenciado, ainda, o ponto de vista de autoridades dos países envolvidos acerca da nova postura da Coreia do Norte e suas perspectivas sobre o processo de desnuclearização norte-coreana.

Concluiremos o estudo com uma reflexão acerca desse novo cenário, onde a decisão norte-coreana não se mostra aleatória, e sim, uma consequência do cenário político vigente nos EUA, Coreia do Sul e China. Com as negociações para a desnuclearização, evidencia-se a importância de medidas preventivas a fim de garantir o êxito da cooperação e da Segurança Internacional.

CAPÍTULO I - A GUERRA DA COREIA: O CONFLITO QUE SE ESTENDE PARA ALÉM DA GUERRA FRIA

Desde o final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o território coreano – inicialmente devido a sua vulnerabilidade perante o fim da Guerra e a sua situação colonial – esteve “sensível no desencadeamento da Guerra Fria, e diretamente vinculada ao jogo de interesse das grandes potências” (Visentini, Pereira e Melchionna, 2015, p.48). De modo que, até a atualidade, ainda percebe-se as influências dessas grandes potências nas nações coreanas.

A Guerra Fria (1947-1991), caracterizada pela bipolarização do mundo entre as ideologias capitalista e comunista – onde os principais atores eram, respectivamente, os Estados Unidos da América (EUA) e a antiga União Russa Socialista Soviética (URSS) –, teve como um de seus desencadeamentos a divisão do território coreano e a Guerra das Coreias (1950-1953).

Em meados de 1945, as grandes potências da época discutiram sobre o futuro da Península Coreana, decidindo, então, dividir a Coreia – assim como na Alemanha, refletindo as estratégias do período da Guerra Fria. Desse modo, a divisão, tendo como referência o paralelo 38°, assim se fez: ao norte, na República Popular Democrática da Coreia (RPDC), onde prevaleceu a ideologia comunista – com apoio da República Popular da China (RPC), e URSS – e ao sul, a República da Coreia, guiada pelo capitalismo – tendo como grande aliado os EUA.

Porém, mesmo com a delimitação estabelecida sobre o paralelo 38° N, devido às ideologias conflitantes existentes entre norte e sul, essa divisão não era suficiente, fazendo com que em 1950 se iniciasse a Guerra da Coreia, marcada por interesses expansionistas das duas partes. A guerra teve em seu decorrer invasões a ambos os territórios – tanto o norte quanto o sul-coreano –, e contou com a participação das potências aliadas: China e EUA.

O fim da guerra veio com a assinatura de um armistício em Panmunjon (1953), onde os dois lados: a ONU, sob a representação dos EUA, de um lado e a China e a Coreia do Norte, do outro – se comprometiam em recuar as suas tropas 2 km da frente de combate, criando assim a Zona Desmilitarizada da Coreia (ZDC), reestabelecendo as fronteiras coreanas sobre o paralelo 38° N. Porém, este armistício não solucionou a raiz dos conflitos entre Norte e Sul, apenas representou um “cessar-fogo” e, nas palavras de Cumings (2005, p.298), “simplesmente foi restaurado o *status quo* anterior, e a paz foi lograda apenas por um armistício. Hoje, os problemas e tensões ainda permanecem”.

Na liderança dos países, surgiram duas personalidades: ao sul, Syngman Rhee, que possuía convicções anti-japonesas e anticomunistas; e ao norte, “o herói da resistência armada na Manchúria, Kim Il Sung, que tinha convicções nacionalistas e comunistas, além da confiança dos soviéticos” (VISENTINI, PEREIRA e MELCHIONNA, 2015, p.48).

Rhee, após ficar exilado nos EUA durante a ocupação japonesa, retorna à Coreia em 1945, onde assume a presidência em 1948, consolidando um regime ditatorial e anticomunista, contando com apoio dos Estados Unidos no contexto da primeira fase da Guerra Fria. Assim, durante o período pós-guerra, a Coreia do Sul contribuiu com os EUA no combate ao comunismo, o que fez com que a relação entre os dois países se estreitassem – além de se aproximar relativamente do Japão. Porém, a República da Coreia passava por um momento de turbulência, devido ao governo de Syngman Rhee, caracterizado por ser autoritário e corrupto – derrubado em 1960 por não aceitar o armistício que cessou a Guerra da Coreia, Rhee queria prolonga-la, pois tinha aspirações de vencer a mesma.

Já no norte, Kim Il Sung se fortalece no poder e, em decorrência do contexto pós-guerra, instaura um regime cujo objetivo principal passa a ser assegurar a segurança nacional perante as ameaças externas que potências hegemônicas da época, em especial os EUA, que punham em cheque sobretudo a autonomia nacional³. Além disso, passa a buscar a autossuficiência econômica junto com o seu desenvolvimento autônomo, assim, “a RPDC contou com uma economia socialista dirigida pelo Estado, com base em planos de longo prazo e com forte ênfase no desenvolvimento da indústria pesada.” (VISENTINI, PEREIRA e MELCHIONNA, 2015, p.79).

O início dos governos coreanos não necessariamente determinou o rumo que os países tomariam nas décadas seguintes. A Coreia do Sul, entre a década de 50 e 60, possuía cerca de 75% de sua população na área rural, e se caracterizava como “um país agrário e pobre” (Melchionna, 2011, p. 19); ao passo que a Coreia do Norte, contando com o “apoio soviético e chinês – constituía único país asiático (além do Japão) predominantemente urbano” (MELCHIONNA, 2011, p.19).

A partir da década de 60, o sul começa a adquirir empréstimos, grande parte dos EUA, investir na sua industrialização e no setor de tecnologia, o que acaba atraindo o capital estrangeiro – o investimento estrangeiro só passa a ter uma representação mais significativa no final dos anos 80, com a consolidação da industrialização no país (TOUSSAINT, 2017)⁴.

³ Refletindo o pensamento de Waltz, acerca da importância da manutenção da Segurança Internacional perante um cenário anárquico, que será posteriormente abordado neste trabalho.

⁴ Apud Voyager, 04 de agosto de 2017.

A RPDC, no período pós-guerra, consolidou o socialismo *Zuche* – visava alcançar independência política, autossuficiência econômica e autonomia militar –, que serviu de base para o desenvolvimento econômico do país até meados da década de 70. Através desse programa, foram implementadas medidas que visavam a reconstrução econômica⁵, que havia sido abalada pela guerra. De acordo com os dados econômicos fornecidos pelo Trading Economics “As taxas anuais de crescimento econômico fenomenal de 30% e 21% durante o Plano Trienal de 1954-56 e o Plano Quinquenal de 1957-60, respectivamente, foram relatadas.”

Além disso, é importante destacar que Kim se aproveitou da rivalidade de seus aliados, como estratégia de barganha. Porém, apesar de um crescimento inicial, com incentivos econômicos por parte de seus aliados e a consolidação do regime, o país passou por momentos de fragilidade em decorrência de eventos internacionais.

No início dos anos 1970, a RPDC, por sua vez, começava a esgotar o potencial de desenvolvimento extensivo de sua indústria com base em sua própria tecnologia, na tecnologia soviética e na tecnologia japonesa da época colonial. Por isso teve de voltar-se ao Ocidente e ao Japão para a compra de plantas industriais completas, e reduzido parcialmente seu isolamento e aumentando sua dívida externa. (VISENTINI, PEREIRA e MELCHIONNA, 2015, p.120)

A partir do rompimento sino-soviético (1963), bem como da implementação da doutrina Kissinger, a China se aproxima dos EUA, devido a interesses tanto internos⁶ – em especial, conter sua província rebelde, Taiwan – como contra a URSS. Nas palavras de Visentini, Pereira e Melchionna (2015, p.115), “o estabelecimento da aliança sino-americana, no início dos anos 1970, teve profundo impacto no sistema mundial e em especial no leste da Ásia, influenciando fortemente a estratégia de política externa da Coreia do Norte.”

Em face desta situação, a Coreia do Norte, duvidosa perante o apoio da RPC em caso de conflito com os EUA, busca uma reaproximação com a Coreia do Sul – para quem a aliança sino-americana, também, representava uma ameaça. Assim, em 1972, “estabeleceram-se conversações de alto nível entre Seul e Pyogyang, que conduziram a uma relativa *détente* intercoreana” (VISENTINI, PEREIRA e MELCHIONNA, 2015, p.118).

Os eventos internacionais que marcaram a passagem dos anos 70 para a década seguinte – como a morte de Mao Tsé-Tung (1976) e a queda da URSS (1991) –, tiveram grande impacto na RPDC, que os tinha como principais aliados e fornecedores. Sobre as reviravoltas ocorridas na península nesta década, MELCHIONNA (2011) citando Visentini:

⁵ A economia norte-coreana se recupera no final dos anos 50.

⁶ A aproximação com os EUA viabilizou a reforma do CSNU, substituindo Taiwan pela República Popular da China (1971) - resolução 2758 pela Assembleia Geral da ONU.

A partir dos anos 80, inverte-se drasticamente a situação econômica da península coreana. A Coreia do Sul aprofundava seu desenvolvimento econômico e sua inserção asiática – particularmente em direção à China e aos países da Associação de Nações do Sudeste Asiático (ASEAN) -, com uma ativa política de investimentos, comércio e realocação de indústrias. Entretanto, ao mesmo tempo em que a sociedade sul-coreana passava por este processo de modernização e urbanização, acompanhado pela melhoria do nível de vida – ainda que sob regime autoritário –, a Coreia do Norte sofria forte desaceleração econômica, devido à crise e estagnação soviética, e as reformas econômicas chinesas, que acabaram por aproximar Beijing de antigos “rivais”, levando à divergências com Pyongyang (VISENTINI, 2009)

Após a 2ª Guerra Mundial e o milagre japonês⁷, a região do Leste Asiático ficou sob a influência/ o domínio de duas grandes potências da época, EUA e Japão, agora parceiros, e que passam a investir especialmente nos Tigres Asiáticos – Cingapura, Coreia do Sul, Hong Kong e Taiwan. O interesse norte-americano na região, dentre outros, era conquistar aliados e evitar a expansão da ideologia comunista, ao passo que o Japão visava se expandir e diminuir a sua dependência dos EUA.

Segundo Magno et al. (2011), após o milagre japonês, e seu contínuo crescimento dentro do território nacional, o país observou sua capacidade expansiva dentro de seu território ficar limitada, assim, o Japão passou a investir transnacionalmente, enfocando nos Tigres Asiáticos – de forma a usufruir de sua mão de obra competitiva e abundante. Dessa forma, o Japão estabelece pontos industriais estratégicos para o fornecimento de insumos e componentes para as indústrias nipônicas. Em outras palavras, as atividades tecnológicas de menor valor agregado e que necessitavam de mão de obra foram transferidas para os Tigres Asiáticos, ao passo que o Japão se especializou no desenvolvimento de tecnologia de ponta.

Esse processo de transferência de tecnologia de base e enfoque em tecnologia de ponta foi repassado pelos Tigres Asiáticos para os países da ASEAN, o que fortaleceu a economia dos Tigres na década de 80, representando o processo econômico do Leste Asiático dos *gansos voadores*.

Estas mudanças estruturais trouxeram consigo alguns desafios a serem enfrentados por estes países, como a queda dos regimes ditatoriais, devido às novas pressões que surgiram, “em prol da democratização, da melhoria das relações trabalhistas e também das condições sociais da população” (MAGNO et al., 2011, p. 129).

⁷ O milagre japonês, onde o Japão se recupera dos resquícios da 2ª Guerra Mundial, ocorreu a partir do final da década de 50, e ganha impulso nos anos 60. O país cresce e se recupera economicamente, se reestabelecendo no comércio internacional.

Assim, enquanto a Coreia do Sul se industrializava, juntamente com os outros Tigres, a Coreia do Norte presenciava um de esfriamento de sua economia, após o boom dos Planos Trienal e Quinquenal. Um dos grandes motivos para a ascensão norte-coreana durante a década de 60 foram suas riquezas minerais subterrâneas, como carvão, minérios de ferro, ouro, cobre, zinco, calcário, grafite, chumbo, tungstênio, magnesita etc.⁸ Porém, devido à precariedade de suas estruturas – falta de atualização de acordo com o avanço da tecnologia, resultado tanto do isolamento do país, quanto da dificuldade econômica enfrentada por ele –, as extrações norte-coreanas começaram a baixar após os anos 90, e com isso boa parte da renda do país.

Ademais, dada a sua extensão territorial, restam poucas opções energéticas para a Coreia do Norte, sendo necessário importar combustíveis como fonte energética, por exemplo petróleo e gás natural. O gás natural, ainda, foi um fator de peso na diminuição das exportações norte-coreanas, que tinham como carro-chefe as exportações de carvão mineral para a China, mas com a ascensão do carvão mineral como fonte de combustível mais limpa, as exportações da Coreia do Norte foram fortemente afetadas.

1.1 Histórico das políticas entre Coreia do Norte, Coreia do Sul e Estados Unidos

Apesar da nova fase norte-coreana, de desaceleração, o país não desistiu dos princípios defendidos pelo Socialismo Zuche, e continuou investindo em sua autonomia militar. Dessa forma, apesar de seus compromissos internacionais, é notória a relutância da Coreia do Norte em se desfazer de seu programa nuclear, como pode ser observado a seguir.

Com as novas alianças e objetivos comuns traçados no Cenário internacional, a busca pela segurança neste torna-se um tópico imprescindível. Dentre as medidas tomadas a fim de garantir esse interesse, pode-se citar o Tratado de Não-Proliferação Nuclear (TNP), que foi criado em 1968 e entrou em vigor a partir de 1970. A partir deste, os países signatários que não tivessem desenvolvido tecnologias nucleares até antes do início do tratado, não poderiam se utilizar deste tipo de tecnologia para fins bélicos.

Coincidentemente, os únicos países possuidores de tal tecnologia até 1967 eram os membros permanentes do CSNU – EUA, China, URSS, França e Inglaterra –, os quais incentivavam os outros países a assinarem o Tratado e eram, à primeira vista, os maiores

⁸ Dados do Sputnik News, 18 de junho de 2017 e Diário de Notícias, 26 de agosto de 2012.

beneficiários deste⁹. Por esta razão, levou-se um tempo maior do que o esperado para que os Estados aderissem ao TNP.

A Coreia do Norte não foi diferente ao expressar sua insatisfação com o Tratado, e só o assinou em 1985. Apesar da adesão ao TNP, a RPDC não concordou inicialmente com as salvaguardas da Agência Internacional de Energia Atômica (IAEA), que tinham como função verificar o cumprimento do Tratado, só o aceitando em janeiro de 1992.

Ademais, o país vincula a sua adesão à retirada das armas norte-americanas da Coreia do Sul, como forma de garantir a desnuclearização da Península, porém isso não se concretiza de imediato, apresentando ações dos EUA e URSS, onde instalam armas nucleares nos territórios coreanos aliados. Assim, uma trégua é somente alcançada após a Coreia do Sul anunciar a Declaração sobre a Desnuclearização da Península Coreana (1992), a qual declara que:

1. A Coreia do Sul e a do Norte não irão testar, manufaturar, produzir, receber, possuir, estocar, ativar ou usar armas nucleares.
2. A Coreia do Sul e a do Norte usarão energia nuclear apenas para fins pacíficos.
3. A Coreia do Sul e a do Norte não possuirão instalações de reprocessamento nuclear e de enriquecimento de urânio.
4. A fim de verificar a desnuclearização da Península Coreana, a Coreia do Sul e a do Norte conduzirão inspeções de questões específicas escolhidas pela outra parte e consentidas por ambas as partes, de acordo com os procedimentos e métodos a serem determinadas pela Comissão Conjunta Norte-Sul de Controle Nuclear.
5. A fim de implementar esta declaração conjunta, a Coreia do Sul e a do Norte estabelecerão e operarão uma Comissão Conjunta Norte-Sul de Controle Nuclear dentro de um mês da entrada em vigor desta declaração conjunta.
6. Esta declaração conjunta entrará em vigor a partir da data em que o Sul e o Norte troquem os instrumentos apropriados, após a finalização dos respectivos procedimentos para sua entrada em vigor.

Dessa forma, caso cumprida, a declaração satisfaria as condições norte-coreanas, com a ausência de armas nucleares na Península – o que implicaria na retirada do armamento nuclear norte-americano na Coreia do Sul. Além disso, subentende-se com a aceitação e cumprimento mútuos que as duas Coreias aceitariam as inspeções da IAEA, como forma de comprovar que não possuem armamento nuclear, ou que utilizam energia nuclear para fins não outros que pacíficos – apenas pacíficos.

Num cenário mais recente, ainda sob a influência dos resquícios da Guerra Fria, a Coreia do Norte mantém um sentimento anti-imperialista, em especial, antiamericano. O regime norte-coreano é muito fechado e voltado para o âmbito militar, como forma de garantir a sua segurança perante as ameaças internacionais ao seu regime. O país possui um histórico de frequentes realizações de testes militares e, em 2005, admitiu sua capacidade bélica

⁹ Os países detentores de tecnologia nuclear se diferenciavam dos demais, visto que possuíam um monopólio de um bem poderoso e de alta valia, causando um desequilíbrio no SI.

nuclear. A inquietação suscitada na comunidade internacional por essas ações fez com que o país sofresse diversas sanções do Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU), aumentando a insatisfação da Coreia do Norte com o mundo ocidental como um todo e com os EUA, em particular.

A fim de melhor compreender a situação isolacionista e o desenvolvimento do programa nuclear norte-coreano, bem como seu impacto tanto para a Coreia do Sul quanto para os EUA, é importante que se entenda a conjuntura existente no decorrer de sua história. Neste contexto, torna-se válido observar que o isolacionismo norte-coreano não se deu de forma aleatória, e sim como consequência de uma não adequação aos avanços sociais e econômicos do mundo pós-Guerra Fria. Acrescente-se a isso, a necessidade de garantir a autonomia e segurança nacionais.

1.1.1 O programa nuclear da Coreia do Norte e a resposta dos EUA, China e Coreia do Sul

No fim da década de 70, a Coreia do Norte dá início a uma nova fase, que propicia o desenvolvimento do seu próprio sistema de mísseis - contando com a assistência técnica da China e baseando-se na tecnologia soviética usada na Segunda Guerra Mundial. Na década seguinte, o fundador do regime norte-coreano, Kim Il Sung, inicia os primeiros testes balísticos que, de acordo com a avaliação do Instituto Internacional para Estudos Estratégicos (2016)¹⁰, possuem capacidade para atingir o território da Coreia do Sul e Japão.

Com a sucessão do governo – Kim Jong Il assume o lugar do pai após a sua morte, em 1994 –, os exercícios militares norte-coreanos não cessaram, apresentando mísseis numa versão melhorada e de maior alcance, o que fez com que o CSNU impusesse diversas sanções econômicas à RPDC.

Assim, apesar das tentativas diplomáticas para conter o programa nuclear norte-coreano – Acordo-Quadro assinado entre os EUA e a RPDC, que visava congelar o programa nuclear da Coreia do Norte, em troca de ajuda e fornecimento de benefícios –, o relacionamento entre EUA e RPDC, ainda vive em grande tensão. Em 2001, com George W. Bush no poder, os EUA adotam uma política que diverge das tentativas de aproximação anteriores, em relação à Coreia do Norte, fazendo com que retornem ao padrão de confronto.

¹⁰ Apud BBC, 01 de agosto de 2017.

Nas palavras de CUMINGS (2005, p.7):

[...] After George W. Bush took office in 2001, US-NK relations returned to the pattern of confrontation, and stalemated the marked the Cold War years, enabling the North to dust off its well-practiced strategies of obstinacy and recalcitrance.

Após os ataques às Torres Gêmeas do World Trade Center, em 11 de setembro de 2001, os EUA perceberam que não eram intocáveis, e que tinham inimigos que estariam dispostos a destruí-los¹¹, apesar do poderio e K_{FPI}¹² norte-americanos. Dessa maneira o país ficou em estado de alerta perante a questão do terrorismo, fazendo com que tomasse algumas medidas cautelares a fim de prevenir futuras ameaças e ataques.

Em seu discurso, Bush revela uma lista dos países que ‘patrocinam o terror e ameaçam a América e seus aliados com armas de destruição em massa’, onde a Coreia do Norte foi incluída, juntamente com outros países como o Irã e o Iraque.

[...] Our second goal is to prevent regimes that sponsor terror from threatening America or our friends and allies with weapons of mass destruction. Some of these regimes have been pretty quiet since September 11, but we know their true nature. North Korea is a regime arming with missiles and weapons of mass destruction, while starving its citizens. BUSH (2002)

Após ter sido incluída no ‘Eixo do Mal’ dos EUA em 2002, a Coreia do Norte se retira do Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP) no ano seguinte, desencadeando negociações entre seis países (Rússia, Coreia do Norte, EUA, China, Japão e Coreia do Sul), com o objetivo manter a Segurança Internacional. Em julho de 2005, a Coreia do Norte concorda em voltar ao TNP e cessar suas atividades nucleares, mas volta atrás no final do mesmo ano, aumentando a tensão no seu relacionamento com os EUA.

1.1.2 Exercícios militares mais recentes e o perigo da instabilidade do governo norte-coreano

A Coreia do Norte sempre se utilizou de seu programa nuclear como moeda de barganha, ao negociar com resto do mundo. Porém, nos últimos anos, esse intuito negociador tem se mostrado cada vez mais perigoso e ameaçador, principalmente aos países vizinhos - Japão e Coreia do Sul.

¹¹ As Torres Gêmeas representavam um dos principais símbolos do poder econômico dos EUA na época.

¹² Capital de força, poder e interesse.

Desde 2006, a Coreia do Norte vem realizando testes com armas nucleares (outros ocorridos em 2009 e 2013), porém o cenário sai do estado de atenção, para o de alerta quando, em 2016, o ditador coreano Kim Jong Un, afirma ter realizado, com sucesso um teste com uma bomba de hidrogênio – cerca de 50 vezes mais potente que a bomba atômica.

Por mais que houvesse incerteza da natureza da bomba norte-coreana, é inegável a ocorrência do terremoto de magnitude 5,1 na zona de testes nucleares do país, no mesmo ano. Além disso, agências meteorológicas sul-coreanas creem que este tremor teve causas artificiais.

Os testes militares continuaram, utilizando mísseis sem ogiva, e chegaram ao Mar do Japão. Porém, a Coreia do Norte, ignorando a repercussão internacional – inclusive o CSNU – alegou estar fazendo apenas testes rotineiros.

Diversos fatores fragilizaram a Coreia do Norte, dentre eles a queda da URSS e a aproximação chinesa com o Ocidente, em especial com a Coreia do Sul, nos anos 90 – aproximação esta que não existiu por parte dos EUA com a Coreia do Norte.

Com a sucessão de eventos, como a Guerra do Golfo e a Guerra no Oriente Médio, e após a derrota iraquiana, a Coreia do Norte passa a perceber que a estratégia de utilização de armas químicas não possui efeito de dissuasão suficientemente forte para enfrentar o potencial nuclear dos países que possuíam tal arsenal – CSNU.

Dessa maneira, o investimento na tecnologia nuclear é visto pela Coreia do Norte como única maneira capaz de dissuadir uma potência como os EUA, de um possível ataque a seu território, além do prestígio que teria internacionalmente por possuir tal moeda de barganha. Acrescenta-se a isso, a precária situação econômica e energética da Coreia do Norte, que fez com que se acelerasse o investimento no programa nuclear, devido a sua urgência.

Ao aplicar este tipo de estratégia, o desenvolvimento de armas era desnecessário sendo somente necessário ter acesso aos elementos técnicos que permitem o desenvolvimento de uma ogiva nuclear. A opacidade do programa pode, deste modo, ter tido o propósito de iniciar negociações e conseguir as respectivas concessões da Comunidade Internacional (GALAMAS, 2016, p. 99).

Após a retomada do Programa Nuclear, a Coreia do Norte decidiu complementá-lo com uma nova estratégia, que internacionalizasse a crise norte coreana. Desse modo, aumenta-se a transparência para que se possa demonstrar, pelo menos do ponto de vista técnico, que é possível a ocorrência de uma guerra nuclear.

Essa abordagem transparente continua até os dias de hoje, e vem preocupando a Comunidade Internacional, visto que a Coreia do Norte vem se utilizando de seu programa nuclear como estratégia de dissuasão, para evitar as tentativas internacionais militares de interferência no regime de Kim Jong Un.

Apesar de ter havido uma abertura do regime norte-coreano, ela não foi suficiente para calar as dúvidas acerca do real potencial da Coreia do Norte. Ainda se crê que Kim Jong Un não possui equipamentos e tecnologia suficientes para manter uma guerra a longo prazo.

Porém, por mais que a Coreia do Norte não possua uma força militar nuclear capaz de enfrentar o poderio norte-americano, a Península Coreana e os Estados vizinhos correm sério risco de ficarem devastados, como dano colateral.

A potência de um país pode ser mensurada a partir da análise da balança de poder, a partir da ação conjunta dos pesos do K_{FPI} e o do P_{DNU} . Assim, torna-se importante entender que K_{FPI} , capital de força, poder e interesse, é uma tríade indissociável pela qual se pode explicar e prever os fenômenos da política internacional e seu desenrolar; além disso, pode ser utilizado como moeda de barganha na forma de favor e influência na relação entre os atores internacionais. Por outro lado, o P_{DNU} , padrões de dissuasão, normas e valores, além de representarem o contraponto dos K_{FPI} , de forma conter seu impulso motor, esses padrões representam o contraponto do comportamento externo.

Dessa forma, a balança de poder tende a analisar a capacidade dos atores em atingir o almejado equilíbrio sistêmico – contraponto entre as capacidades internas e as forças exógenas do cenário internacional. Ademais, é importante enfatizar que todos os atores apresentam pontos fortes (*strengths*) e fracos (*constrains*), onde estes últimos representam as limitações endógenas ou exógenas de cada Estado. Os constrangimentos podem ser tanto materiais como imateriais, como a extensão territorial, fragilidade econômica, ausência de um exército militar para defesa nacional, instabilidade política etc.

No caso da Coreia do Norte, esta apresenta diversos constrangimentos, porém, visando a sua sobrevivência no cenário internacional, busca compensá-los com seus pontos fortes, no caso com seu poderio militar que, por mais que não se possa comparar com o poderio norte-americano, possui uma alta capacidade dissuasiva. Devido a isto, as abordagens internacionais contra a Coreia do Norte precisam ser cautelosas, a fim de evitar algum dano colateral não desejado.

1.1.3 Síntese das abordagens internacionais em relação a Coreia do Norte – Sanções

Desde seus primeiros testes nucleares, em 2006, a Coreia do Norte já recebeu nove sanções¹³ das Nações Unidas, progressivamente severas – principalmente no embargo de armas, bloqueio de ativos e proibição de importar carvão.

As primeiras destas sanções feitas à Coreia do Norte foram aprovadas em 2006 e 2009, após os primeiros testes atômicos; em 2013, duas sanções foram aplicadas após a continuação dos testes nucleares; no ano de 2016, mais duas sanções foram lançadas, ambas de caráter predominantemente econômico; e finalmente, três em 2017, uma no início de agosto – que tinha por objetivo privar o país de US\$ 1 bilhão em ingressos provenientes de suas exportações de ferro, carvão e pescados –, uma em setembro, após o sexto teste nuclear norte-coreano, e outra em dezembro, em resposta ao lançamento do míssil balístico intercontinental (ICBM) no Mar do Japão.

Entre o dia 4 e 5 de julho de 2006 a Coreia do Norte faz teste de sete mísseis balísticos, majoritariamente bem sucedidos, destes seis eram de curta distância e um, que não teve êxito, de longa distância – Taepo Dong-2. Esta atividade não foi bem vista pela comunidade internacional, em especial os países vizinhos e os membros do CSNU. Dessa forma, o Conselho de Segurança, visando manter a paz e segurança internacionais¹⁴, adota a Resolução 1695, que condena os testes de mísseis feitos pela Coreia do Norte, demandando que esta suspenda com suas atividades relacionadas com seu programa de mísseis balísticos, além de encorajarem fortemente o retorno da Coreia do Norte ao *Six-Party Talks*¹⁵ sem exigir pré-condições.

As novas sanções não agradaram à Coreia do Norte, que alegou por meio de seu Ministério das Relações Exteriores que “não será amarrada” pelas restrições impostas. Com isso, em outubro do mesmo ano, a RPDC realiza um teste nuclear subterrâneo perto da aldeia de P’unggye, no nordeste do país, e teve rendimento estimado entre 1 e 15 quilotons¹⁶. Como

¹³ A RPDC já recebeu sanções anteriores a estas, porém não eram referentes a testes atômicos. Boa parte destas sanções eram direcionadas a empresas norte-coreanas que descumpriam com o TNP.

¹⁴ O CSNU pode adotar medidas a fim de manter ou restaurar a paz e a segurança internacionais nos termos do Capítulo VII da Carta das Nações Unidas.

¹⁵ Grupo formado pela China, Japão, Coreia do Norte, Rússia, Coreia do Sul e EUA, estabelecido para proporcionar o diálogo e a resolução pacífica das preocupações relativas à segurança, devido ao desenvolvimento nuclear norte-coreano. As negociações multilaterais do grupo visam o desmantelamento do programa nuclear da Coreia do Norte.

¹⁶ Termo utilizado para medir a capacidade de bombas de destruição em massa, como as bombas nucleares. Um quiloton equivale a mil toneladas de TNT.

resposta, o CSNU adota a Resolução 1718, onde adiciona sanções comerciais à Coreia do Norte, ampliando o leque de transições proibidas além das contidas na Resolução 1695.

No intervalo entre novembro de 2006 e fevereiro de 2007 ocorrem a 5ª e 6ª reuniões dos *Six-Party Talks* em Pequim, onde foi acordado um plano de ação, representando os primeiros passos a serem dados em direção à desnuclearização da Coreia do Norte. De acordo com este plano, a RPDC “deve suspender a operação de suas instalações nucleares em Yongbyon durante uma fase inicial de 60 dias, em troca de um carregamento inicial de 50.000 toneladas de óleo combustível pesado”¹⁷.

A partir da metade de 2007 foi possível se observar um significativo progresso quanto ao comprometimento norte-coreano com o plano acordado, Pyongyang começou desativando sua usina em Yongbyon, onde retirou milhares de barras de combustível, sob a supervisão e orientação de especialistas norte-americanos¹⁸. Este progresso se estendeu para o ano seguinte, com mais concessões norte-coreanas acerca das informações sobre o desarmamento de seu programa nuclear aos EUA, fazendo com que Bush amenizasse algumas das sanções impostas à Coreia do Norte, e a retirasse da lista de Estados Patrocinadores do Terrorismo.

Porém a cooperação norte-coreana não durou muito e, no final de 2008, o país deixou de concordar com a inspeção norte-americana de seu programa nuclear, aumentando a tensão entre as relações EUA-RPDC.

Em 2009, a Coreia do Norte enfatiza que as inspeções devem ser realizadas reciprocamente, de forma a também verificar a retirada das armas nucleares norte-americanas na Coreia do Sul. Ademais, em janeiro de 2009, Pyongyang declara que seu estoque de plutônio já está armado e, expressa sua intenção em lançar um satélite em abril do mesmo ano.

Apesar da condenação do CSNU frente ao lançamento do satélite norte-coreano Unha-2 em 5 de abril – alegando o descumprimento da Resolução 1718 –, a RPDC segue com seu programa nuclear, revertendo a desativação de suas usinas e sai do *Six-Party Talks*, como forma de não ser mais obrigado a seguir os acordos negociados.

Assim, em 25 de maio de 2009 é realizado o segundo teste nuclear subterrâneo norte-coreano, que teve rendimento entre 15 e 20 quilotons, segundo o Ministério da Defesa¹⁹. Em junho, o CSNU adota por unanimidade a Resolução 1874, ampliando as sanções contra a

¹⁷ Dados do Arms Control Association.

¹⁸ Dados do Council on Foreign Relations

¹⁹ Dados do Arms Control Association.

Coreia do Norte, proibindo todas as importações e exportações de armas, excluindo as armas pequenas, que ainda assim precisariam de uma notificação do CSNU. Ademais, os Estados-membros do Conselho de Segurança não mais concederiam empréstimos à RPDC, ou qualquer tipo de fornecimento, a não ser para causas humanitárias.

Em 2012, a Coreia do Norte retorna com seus investimentos em satélites, e lança, em 12 dezembro, o Unha-3, que foi um sucesso e teve êxito ao entrar em órbita. Como consequência desta atividade, o CSNU aprova a Resolução 2087 em 22 de janeiro de 2013, que fortalece as sanções anteriores, agora incluindo o congelamento dos bens de pessoas e indivíduos norte-coreanos – incluindo alguns bancos, e empresas.

Apesar da sanção aprovada em janeiro, a Comissão Nacional de Defesa da Coreia do Norte divulga suas intenções em executar um novo teste nuclear, que é realizado em fevereiro de 2013, e lançamento de foguetes. Assim, o Conselho de Segurança adota em março a Resolução 2094, como penalidade para a RPDC. Esta nova resolução²⁰ acrescenta sanções financeiras, de modo a bloquear transferências monetárias em massa tanto de indivíduos quanto de entidades adicionais, que também são identificados para o congelamento de ativos.

Nos anos seguintes, a RPDC não interrompe seu cronograma militar, realizando testes com mísseis balísticos de curto e médio alcance e lançamento de míssil balístico submarino, violando as resoluções aplicadas pelo CSNU. Como consequência, o conselho de Segurança condenou as atividades norte-coreanas, e os EUA ampliam unilateralmente suas sanções em relação à Coreia do Norte.

Logo no início de 2016, a Coreia do Norte anuncia o sucesso na realização de seu quarto teste nuclear, com bomba de hidrogênio²¹ – chegando a ser questionado por especialistas do Organização do Tratado de Proibição Completa de Testes Nucleares (CTBTO), pois as atividades sísmicas observadas não correspondiam às de uma bomba-H.

Em seguida, Pyongyang lança míssil balístico de longo alcance²², alegando ser um satélite de observação da Terra. Mais uma vez, o Estado norte-coreano atrai as atenções internacionais, recebendo condenação de seus atos e a imposição da Resolução 2270, aprovada por unanimidade pelo CSNU. Esta medida ampliou mais uma vez as resoluções anteriores, instituindo novas sanções financeiras, proibindo os Estados de fornecer combustível de aviação e alguns minerais específicos para a RPDC, e introduz uma exigência

²⁰ De acordo com as Resoluções do Conselho de Segurança das Nações Unidas (UNSCR).

²¹ A bomba-H é uma bomba termonuclear, que chega a ser 1000 vezes mais potente que a bomba nuclear de fissão – como as utilizadas pelos EUA no final da Segunda Guerra Mundial.

²² Dados de Arms Control Association.

de que os Estados membros da ONU inspecionem todas as cargas em trânsito para ou da Coreia do Norte para produtos e armas ilícitas. Ademais, os Estados membros estão proibidos de fretar ou arrendar navios para a RPDC, ou fornecer serviços à tripulação ou entidades norte-coreanas.

Novamente, Pyongyang não se abala com as sanções, continuando com seus testes de mísseis balísticos e realiza, em 9 de setembro de 2016, o seu quinto teste nuclear, com magnitude de 5 quilotons, segundo relato do Arms Control Association. Em contrapartida, em novembro de 2016, o CSNU impõe sanções ainda mais severas, através da Resolução 2321, onde os Estados-membros da ONU reduziriam o número de funcionários nas missões diplomáticas e postos consulares da Coreia do Norte e limitariam as contas bancárias dos diplomatas e missões, bem como chama a atenção, pela primeira vez, que a RPDC deveria respeitar as necessidades a população norte-coreana e investir em seu bem-estar ao invés de em armas nucleares. Além disso, esta resolução também proibiu a Coreia do Norte de exportar minerais, ou vender estátuas, helicópteros, ferro e carvão, ou transferir estes dois últimos – caso excedam o valor máximo permitido anualmente.

Após contínuas atividades militares, o ápice de 2017 foi em julho, com o lançamento de dois ICBM, com alcance de 6.700 km e 10.400 km respectivamente. No mês seguinte, a resposta do Conselho de Segurança não foi outra se não a adoção de mais uma medida punitiva. A Resolução 2371 foi adotada de forma unânime e, segundo os EUA, preveniria a Coreia do Norte de ganhar mais de 1 bilhão de dólares por ano. Suas principais sanções baniram a exportação de diversos materiais norte-coreanos, como: carvão, ferro, minério de ferro, frutos do mar, chumbo e minério de chumbo. Além disso, permite que o CSNU negue o acesso de embarcações norte-coreanas a portos internacionais, por estarem vinculadas à violação das resoluções do Conselho de Segurança.

No mesmo ano, a RPDC realiza seu sexto teste nuclear, em 3 de setembro, com magnitude estimada entre 5,8 e 6,1, de acordo com a CTBTO. Consequentemente, o CSNU responde novamente reprimendo a Coreia do Norte e impondo mais uma medida punitiva. A Resolução 2375, adotada em 11 de setembro de 2017, tem como alvo principal as importações de petróleo norte-coreanas, suas exportações têxteis e trabalhadores no exterior, assim impõe: a proibição das exportações têxteis norte-coreanas; limita a importação de petróleo para 2 milhões de barris por ano; congela o montante de importação de petróleo bruto; proíbe a importação de gás natural; proíbe os membros das Nações Unidas de fornecerem autorização de trabalho para norte-coreanos em suas respectivas jurisdições; proíbe a formação de *joint ventures* etc.

Apesar das sanções cada vez mais pesadas²³, a Coreia do Norte permanece resistente com suas ameaças e testes militares, realizando novamente mais um teste ICBM, em novembro de 2017. Este, segundo o Arms Control Association, percorreu cerca de 1000 km em alta trajetória e desembarcou no Mar do Japão. O CSNU, por sua vez, adota em dezembro a Resolução 2397, com caráter ainda mais severo, “cortando as importações de petróleo refinado em cerca de 90%, limitando as exportações de petróleo a 4 milhões de barris e obrigando o retorno de norte-coreanos que estivessem trabalhando²⁴ em outros países em dois anos ou menos²⁵.

As exportações norte-coreanas, juntamente com seus trabalhadores no exterior, eram grandes contribuintes do programa militar da Coreia do Norte, por esta razão se tornam temas recorrentes nas diversas sanções aplicadas à RPDC.

Os últimos testes nucleares, de caráter mais poderoso que os anteriores, fizeram com que as tensões na Península Coreana aumentassem. Além disso, a Coreia do Norte evoluiu de uma ameaça regional para uma ameaça global, o que provoca o receio das Nações Unidas, aumentando as medidas restritivas contra o país, decorrente da ameaça de guerra.

Existe uma pressão, principalmente dos países vizinhos à RPDC, para que o CSNU tome medidas mais rígidas para isolar o país, em resposta ao risco de ataques a estes países próximos. Por mais que esta não parece uma alternativa às Nações Unidas – organismo que foi criado com o intuito de manter a segurança e o equilíbrio no Sistema Internacional –, devido à situação instável da Coreia do Norte e os recentes testes nucleares, que se mostraram mais poderosos do que anteriormente, essa abordagem pacífica talvez não seja suficiente para garantir a segurança internacional.

Os últimos testes nucleares, de caráter mais poderoso que os anteriores, fizeram com que as tensões na Península Coreana aumentassem. Além disso, a Coreia do Norte evoluiu de uma ameaça regional para uma ameaça global, o que provoca o receio das Nações Unidas, aumentando as medidas restritivas contra o país, decorrente da ameaça de guerra.

Existe uma pressão, principalmente dos países vizinhos à RPDC, para que o CSNU tome medidas mais rígidas para isolar o país, em resposta ao risco de ataques a estes países próximos. Por mais que esta não pareça uma alternativa às Nações Unidas – organismo que foi criado com o intuito de manter a segurança e o equilíbrio no Sistema Internacional –,

²³ As sanções feitas à Coreia do Norte vinham tanto do CSNU quanto de alguns países da Comunidade Internacional, como a Coreia do Sul, Japão, EUA e Austrália.

²⁴ Muitos desses trabalhadores contribuíam massivamente, juntamente com as exportações norte-coreanas, para o programa militar do país.

²⁵ Dados da Arms Control Association.

devido à situação instável da Coreia do Norte e os recentes testes nucleares (que se mostraram mais poderosos do que anteriormente), essa abordagem pacífica talvez não seja suficiente para garantir a segurança internacional.

CAPÍTULO II - POLÍTICAS EM TRANSIÇÃO: AS NOVAS DIRETRIZES DOS EUA E DA COREIA DO SUL

States coexist in a condition of anarchy. Self-help is the principle of action in an anarchic order, and the most important way in which states must help themselves is by providing for their own security. (WALTZ, 1981)²⁶

A estrutura do SI é marcada pela anarquia, onde não existe um ator supranacional que possa ser soberano²⁷ sobre os Estados nacionais. Assim, os atores se deparam com um dilema de segurança²⁸, onde devem priorizá-la acima de tudo, já que só podem contar consigo mesmos para se defender. Segundo Waltz, devido à ordem anárquica do SI, os Estados devem se “auto-ajudar”, providenciando sua própria segurança, e dessa forma ajudariam os outros.

Nessa estrutura anárquica, é possível identificar uma distribuição desigual de poder, onde as capacidades, tanto de poder quanto de riquezas, não são distribuídas de forma equitativa. Desse modo, existem Estados mais “fortes” e mais “fracos” – em relação às suas capacidades, recursos. Como exemplo de Estados fortes, pode-se destacar: os EUA, China, Inglaterra, Alemanha, França, enquanto como fracos, países que não possuem tantos recursos – normalmente possuem diversos constrangimentos perante o SI –, como Cuba, Haiti, países pobres, pequenos e com pouca influência no SI.

Porém, essa distribuição não implica necessariamente na utilização de força pelo Estado mais forte para o mais fraco. Na verdade, os Estados mais fortes²⁹ não sofrem tanto impacto de ‘externalidades’ – guerras, crises econômicas, sanções etc.– quanto os Estados mais fracos, por estes não possuírem recursos suficientes para compensar ou diminuir o impacto dessas externalidades no âmbito doméstico.

Na visão de Waltz³⁰, a política mundial, além da distribuição desigual, é caracterizada também pela capacidade dos Estados mais fortes, poderosos, em impor uma ordem mundial concordante com seus interesses. Assim, pode-se perceber a inclinação das decisões dos órgãos internacionais a favorecerem os interesses dos países hegemônicos, em especial o dos EUA.

A partir dessa interpretação, é possível entender com outros olhos a razão de diversos eventos ocorridos durante a história e, em relação ao caso estudado, desde a

²⁶ Os estados coexistem em uma condição de anarquia. A auto-ajuda é o princípio de ação em uma ordem anárquica, e a maneira mais importante pela qual os Estados devem se ajudar é provendo sua própria segurança (Tradução autoral).

²⁷ Soberania é o poder de mando de última instancia. Os Estados nacionais são soberanos domesticamente, mas no sistema internacional são ‘iguais’.

²⁸ O aumento da segurança de A, pode resultar num aumento da instabilidade entre esses dois países, a depender de como B interprete essa ação.

²⁹ Os Estados mais fortes podem sofrer com o impacto de externalidades, de forma devastadora até, mas se recuperam de forma mais rápida, de modo a contornar o impacto da melhor forma possível, dado seus recursos.

³⁰ Apud MUNRO, André in Britannica.

separação territorial coreana até as decisões tomadas em relação a esses países, que passam pelo aval dos EUA. Assim, em relação à Coreia do Sul, os EUA e outros países hegemônicos possuem um bom relacionamento, incluso comercial; ao passo que, com a Coreia do Norte, a Comunidade Internacional tem um relacionamento particular, marcado principalmente por uma cautela e temeridade de um possível ataque nuclear – provavelmente direcionado aos EUA, mas por não se saber de fato o poderio norte-coreano, não se tem a certeza de que este ataque encontraria o fim desejado, porém seria inevitável que afetasse fortemente a região da Península Coreana e seus vizinhos – além disso, a Comunidade Internacional, na forma do CSNU, interage bastante com a Coreia do Norte por meio de suas sanções – que visam justamente frear o desenvolvimento do programa militar-nuclear e evitar os temidos possíveis ataques norte-coreanos.

Relembrando a anarquia do SI, os Estados são livres para atuar como quiserem, porém a fim de evitar o dilema de segurança existente, é importante que se considere a importância das cooperações, para que, assim, a balança ofensivo-defensiva dê maiores vantagens para a ‘defesa’, de modo a evitar conflitos e guerras que poderiam pôr em risco a existência da raça humana.

For Jervis and other defensive realists, there are several means to reduce the security dilemma: increasing the joint gains from cooperation; increasing the costs from non-cooperation; reducing the unilateral gains from the sucker’s payoff; and increasing the costs from mutual defection are among a few of the strategies (1978; 1985)³¹

Dessa maneira, de acordo com Jervis e outros realistas defensivos existem algumas maneiras através das quais é possível reduzir o dilema de segurança, por exemplo: aumentando os ganhos vindos das cooperações; aumentando os custos da não-cooperação, da falta de cooperação; reduzindo ganhos unilaterais vindos do pagamento de um Estado ‘ingênuo’; e aumentando os custos da deserção mútua. Com isso, é possível observar que, com o incentivo às cooperações, os Estados aproveitam de uma ‘estabilidade’ garantida pela manutenção do *status quo* – dado que os custos da não-cooperação passam a ser mais altos do que cooperar e manter a cooperação, então não compensa agir de forma individual em um mundo onde é mais vantajoso cooperar e formar alianças.

Devido ao dilema de segurança existente, o fator segurança se sobressai, de modo que caso um ator apresente um comportamento que seja considerado ofensivo, é recebido com maus olhos pelos demais Estados do Cenário Internacional. Ao apresentar uma ameaça, o Estado que atacou, por estar inserido em um cenário de cooperação, recebe punições como forma de evitar que o distúrbio do *status quo* volte a acontecer.

Assim, percebe-se que a Coreia do Norte se encontra, cada vez mais, como um país *outsider*, que não se enquadra – ou, no caso, não quer se encaixar – no Cenário estabelecido. Não que ‘se encaixar’ seja uma palavra de ordem, porém é importante, em um

³¹Apud LOBELL, Steven E. in Oxford International Studies. Para Jervis e outros realistas defensivos, existem vários meios para reduzir o dilema de segurança: aumentando os ganhos conjuntos da cooperação; aumentando os custos da não-cooperação; reduzindo os ganhos unilaterais do pagamento do trouxa, ingênuo; e aumentando os custos da defecção mútua estão entre algumas das estratégias (Tradução própria)

sistema anárquico, que se possa conviver em harmonia, podendo haver discussões de interesses, negociações, posicionamentos distintos etc., contudo em paz.

Essa visão pacífica é a bandeira levantada pela Organização das Nações Unidas (ONU), organização intergovernamental que tem como objetivo promover a cooperação internacional. Segundo Waltz³², as alianças, as cooperações, contribuíram com um elemento de ordem para um mundo anárquico. Assim, organizações como a ONU tem como missão manter a convivência entre os atores do SI de maneira pacífica e cooperativa, por meio de suas missões, através da contribuição de seus países membros, procura resolver problemas que afetam os Estados, em seus relacionamentos entre si e com o meio ambiente, além de questões que não podem ser ignoradas ou limitadas às fronteiras nacionais, como os Direitos Humanos.

Dessa forma, o bom funcionamento das cooperações garantem ganhos mútuos para todos os participantes, fazendo, mais uma vez, com que o conflito³³ e o uso da força sejam evitados – dado que o poderio dos Estados vem crescendo e se diversificando, de modo a se tornar mais sofisticado e destrutivo. Assim, no SI, entende-se que “as chances de Paz crescem se os Estados puderem alcançar seus mais importantes fins sem ativamente usarem a força” WALTZ (1981, p.4)³⁴.

Evidencia-se assim, a importância da manutenção do *status quo* pacífico, ainda que para isso seja necessária a utilização de estratégias um pouco mais ofensivas. Segundo Waltz³⁵, tal força pode ser utilizada para diversos fins, como: ofensa, visando tanto a conquista de novos territórios, como a obtenção de segurança – de acordo com a balança ofensivo-defensiva, caso esta favoreça a ofensa na manutenção da segurança –; defesa, utilizando-se de uma estratégia em que a defesa será forte o suficiente para destruir o inimigo, caso este insista em enfrentá-la; dissuasão, onde ocorre a manipulação do comportamento de determinado ator por meio de ameaças³⁶ de punições – caso não haja o cumprimento do comportamento desejado –; e coerção, onde atores poderosos do SI, forcem outros atores, normalmente dependentes dele, a tomarem determinada postura, de modo que favoreça esse Estado poderoso.

2.1 Os EUA e sua política perante a Península Coreana

Dado o Cenário atual, e a preferência pela preservação do *status quo* pacífico, caso haja a necessidade da utilização da força para alcançar determinados fins, é importante

³² “Past evidence does not support the fear that alliances, which have contributed an element of order to an anarchic world, are threatened by the spread of nuclear weapons.” WALTZ (1981, p.11).

³³ Eventuais conflitos podem existir mas, no caso mencionado, refere-se à conflitos de maior amplitude e estragos, guerra.

³⁴ The chances of Peace rise if states can achieve their most important ends without actively using force. WALTZ (1981, p.4)

³⁵ Force may be used for offence, for defence, for deterrence, and for coercion. WALTZ (1981, p.4)

³⁶ The message of a deterrent strategy is this: 'Although we are defenceless, if you attack we will punish you to an extent that more than cancels your gains' WALTZ (1981, p.5); A mensagem de uma estratégia de dissuasão é: ‘Ainda que estejamos desprotegidos, se você atacar, nós o puniremos para uma extensão que irá mais do que cancelar os seus ganhos’. (Tradução autoral)

ênfatizar a inclinação para a escolha de meios menos ofensivos, como a defesa e a dissuasão. Tais fins devem visar a manutenção do *status quo* estabelecido. No caso estudado, onde o comportamento norte-coreano põe em risco a estabilidade e a segurança da região, é necessária a tomada de atitudes que visem o tolhimento dessa postura ofensiva.

The chances of peace rise if states can achieve their most important ends without actively using force. War becomes less likely as the costs of war rise in relation to possible gains. Strategies bring ends and means together. How nuclear weapons affect the chances for peace is seen by considering the possible strategies of states (WALTZ, 1981, p.4).³⁷

Na visão de Waltz³⁸, a intenção do uso de força, para a estratégia defensiva, era que a defesa seria um grande empecilho para o ator que estivesse atacando, e indo de encontro ao *status quo*, fazendo com que este se enfraquecesse, ou até se destruísse tentando lutar contra tal defesa. Pode-se entender com isso que, em resposta aos ataques norte-coreanos o CSNU resolveu impor como “barreiras”, as sanções econômicas aplicadas à RPDC, como forma de cessar os testes militares que colocavam em risco a segurança de toda a região da Península. De acordo com a insistência norte-coreana em ameaçar os EUA e realizar testes balísticos, as sanções se tornaram cada vez mais severas, de modo a aumentar os custos ofensivos deste país.

Em dezembro de 2017, dadas as pesadas sanções aplicadas à Coreia do Norte, um porta-voz do Ministério de Assuntos Exteriores norte-coreano demonstra insatisfação com as sanções: “Esta resolução manipulada pelos Estados Unidos e por seus aliados representa uma violação grave da soberania de nossa República e é um ato de guerra que viola a paz e a estabilidade na península coreana e em toda a região” FONTDEGLÒRIA (2017)³⁹. Some-se a isso, a classificação dessas medidas, por Pyongyang, como equivalentes a um ‘bloqueio econômico completo’⁴⁰.

Dentre as sanções feitas no final de 2017, podemos elencar as seguintes: “As entregas de produtos petrolíferos serão limitadas a 500.000 barris por ano e o petróleo bruto a quatro milhões de barris por ano; todos os cidadãos norte-coreanos que trabalham no exterior terão que voltar para casa dentro de 24 meses sob as propostas, restringindo uma fonte vital de

³⁷ As chances de paz aumentam se os Estados puderem atingir seus mais importantes fins sem usar ativamente a força. A guerra se torna menos provável À medida que os custos da guerra aumentam em relação aos possíveis ganhos. Estratégias trazem fins e meios juntos. Como as armas nucleares afetam as chances de paz é visto considerando as possíveis estratégias dos Estados.

³⁸ The message of a defensive strategy is this: ‘Although we cannot strike back, you will find our defences so difficult to overcome that you will dash yourself to pieces against them’ WALTZ (1981, p.5); A mensagem de uma estratégia defensiva é: ‘Ainda que nós não possamos retaliar, você vai encontrar nossas defesas tão difíceis de ultrapassar que você vai se destruir contra ela’. (Tradução autoral)

³⁹ Apud El País, 25 de dezembro de 2017.

⁴⁰ Apud El País, 25 de dezembro de 2017.

moeda estrangeira; haverá também uma proibição das exportações de mercadorias norte-coreanas, como máquinas e equipamentos elétricos” BBC (2017)⁴¹.

É importante destacar que, as importações norte-coreanas se concentram na compra de: petróleo, carvão de coque⁴² máquinas e equipamentos, têxteis, grãos; e suas exportações, na venda de: minerais, produtos metalúrgicos, fabrica (incluindo armamentos), têxteis, produtos agrícolas e da pesca – dados do World Factbook (CIA, 2013). Além de que, seu maior parceiro para importação e exportação é a China, um dos membros do CSNU, que também aprovou as medidas contra a RPDC. Pode-se entender, portanto, que a Coreia do Norte enfrentou maiores dificuldades econômicas com essas novas sanções, visto que parte de suas importações e exportações foram afetadas profundamente, além de seus cidadãos, em especial, os que trabalham no exterior – acrescente-se os impactos sofridos pelas sanções anteriores, que tem valor cumulativo, impedindo seu desenvolvimento socioeconômico.

Por outro lado, a estratégia dissuasiva remete à manipulação do comportamento de determinado ator, por meio de ameaças de prejuízo caso este se comporte de uma maneira que vá de encontro com os interesses do ente, ou ator, dissuasor. Morgan (1977, p.9) menciona que uma das preocupações da dissuasão é um ataque, como resposta à ameaça feita. Por mais que se possa imaginar, inicialmente, que tal caso se referiria ao ‘medo’ dos EUA em relação à um ataque norte-coreano – mesmo que este não se equipare aos EUA –, na verdade, essa frase se enquadra melhor no cenário oposto, onde a Coreia do Norte temeria, e deveria temer, uma retaliação por parte dos EUA.

In international politics we find ourselves in an age when deterrence as the foundation of national security ultimately rests on a readily available capacity to wreck many of the world’s greatest civilizations. Ours has been a century preoccupied with the exploration, display, and frequent glorification of the primitive in human behavior, culminating in international relationships marked by gigantic world wars and pitiless small ones. Atomic weapons capped a revolution in weaponry that had made war progressively less tolerable, yet the history of the century was a showcase of insensitivity to that fact. MORGAN (1977, p.9)⁴³

⁴¹ Apud BBC, 24 de dezembro de 2017.

⁴² Combustível usado para fogão.

⁴³ Em política internacional, nos encontramos em uma época onde a dissuasão, como a base da segurança nacional, por fim repousa na capacidade prontamente disponível para destruir muitas das grandes civilizações do mundo. Nosso século tem se preocupado com a exploração, exibição, e frequente glorificação do primitivo no comportamento humano, culminando em relações internacionais marcadas por guerras mundiais gigantes, e pequenas impiedosas. Armas atômicas taparam uma revolução no armamento, que fez com que a guerra fosse progressivamente menos tolerável, ainda, a história do século foi um mostruário da insensibilidade para esse fato (tradução autoral).

Com o desenvolvimento e a aquisição de armas nucleares, que tiveram protagonismo na Guerra Fria, criou-se uma maior cautela ao se cogitar declarar guerra a determinado Estado. A partir de agosto de 1945⁴⁴, pôde-se entender o real impacto e devastação causados por uma bomba atômica, motivo pelo qual a Guerra Fria (1947-1991) se caracterizou por ser uma ideológica, com disputas estratégicas e conflitos indiretos.

Desse modo, com vistas a manter o equilíbrio do SI, os Estados tendem a apresentar um posicionamento de aversão a um comportamento não-esperado, que possa pôr em risco o equilíbrio existente. Explica-se, assim, a postura da Comunidade Internacional perante as intimidações norte-coreanas e seus testes militares.

A partir das insistentes ameaças e da determinação do líder norte-coreano em utilizar uma arma nuclear, percebe-se a sua ingenuidade quanto aos reais estragos que essa decisão poderia causar. Em sua obra, Morgan (1977) descreve que a dissuasão não é utilizada em uma sociedade civilizada, mas sim ao lidar com ‘primitivos’ – incluindo oponentes que ‘não veem a razão’ e persistem, inflexivelmente, em seu ponto de vista⁴⁵.

Apesar das experiências passadas com ataques de bombas atômicas, Kim Jong Un segue com seu posicionamento e ameaças. Ademais, cultivam uma aversão aos EUA e, guiado por isso, os ameaçam diretamente, alegando poder atacá-los com armas atômicas. Pelo fato da Coreia do Norte ser um país bastante fechado, torna-se difícil saber a veracidade tanto de seu poderio declarado, quanto se realmente o líder norte-coreano estaria disposto a utilizar suas armas nucleares, e iniciar um conflito nuclear com os EUA.

É válido salientar que, independentemente de quem inicie o combate nuclear, seus efeitos são massivos, podendo ser considerada uma missão suicida. Além disso, por mais que o poderio norte-coreano seja condizente com o que declara o líder da Coreia do Norte, o mesmo não se equipara ao dos EUA, pelo fato de este se basear numa tecnologia datada dos anos 50 e 60⁴⁶, herdada da URSS – inicialmente utilizada entre 1949-1950, na Guerra das Coreias.

O poderio norte-americano é caracterizado por ser uma economia demasiado poderosa tecnologicamente, os EUA investem mais de 3% do PIB em gastos militares⁴⁷, e contam com grande apoio público e privado para pesquisas e desenvolvimento – dados da ANPEI. Em contrapartida, de acordo com as informações disponíveis no World Factbook

⁴⁴ Ataques norte-americanos às cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki, utilizando bomba atômica, no final da Segunda Guerra Mundial.

⁴⁵ Morgan também avalia um primitivo como aquele que, em um conflito, são normalmente classificados como cruéis e bárbaros, onde “a única coisa que entendem é a força”.

⁴⁶ Apud Euronews, 11 de agosto de 2017.

⁴⁷ PIB em torno de 19 mil trilhões de dólares. Dados do World Factbook, CIA, 2017.

(CIA, 2015), a RPDC possui um PIB de 40 bilhões de dólares, o que não corresponde nem a um décimo do investimento norte-americano na área militar – importante considerar que se tratam de países com realidades e necessidades distintas, assim, é compreensivo que o PIB norte-coreano seja menor que o dos EUA, porém não nega o tamanho do poderio norte-americano.

Os EUA, desse modo, principalmente por ser membro do CSNU, possuem uma grande influência no desenrolar das negociações de desnuclearização da RPDC. Ademais, juntamente com a Coreia do Sul, é um dos Estados mais interessados na desnuclearização norte-coreana, dado o seu desejo em garantir a segurança internacional, que vem sendo ameaçada por Pyongyang⁴⁸.

Destaca-se assim, a importância dada pelos Estados à sua segurança, reverberando no Dilema de Segurança existente no Cenário Internacional. A partir de Glaser e Kaufmann (1988, p.1), a teoria do dilema de segurança, ou teoria ofensivo-defensiva, se baseia em uma balança, onde se avalia se é mais vantajoso ou não para um ou mais países entrar em guerra. Assim, caso a defesa possua vantagens em relação à ofensa, os custos da guerra são maiores que os benefícios, fazendo com que ela seja muitas vezes evitada.

Para Jervis⁴⁹, existem duas variáveis-chave: (I) a balança ofensivo-defensiva, onde se avalia, dada a situação, se é mais vantajoso atacar ou se defender; (II) distinguibilidade ofensivo-defensiva, em que se avalia a distinção entre as forças que apoiam o ataque das que apoiam a defesa. É válido acrescentar, com base em Glaser e Kaufmann (1998) sobre o dilema de segurança, que caso a ofensa possua a vantagem é impossível que Estados de mesmo tamanho, e poderio gozem de altos níveis de segurança simultaneamente⁵⁰.

Após desenrolar parte da teoria, é importante enfatizar que estamos inseridos em um cenário onde a segurança nacional é altamente priorizada, e não se vislumbra um interesse maior por parte dos Estados em conquistar outros territórios, visto que já estão satisfeitos com seus espaços geográficos⁵¹. Desse modo, os Estados-nação tendem a prezar pela manutenção do *status quo* existente no SI, para que assim o equilíbrio existente prevaleça e a ‘paz’ também.

⁴⁸ Existem outras ameaças à segurança internacional, porém não fazem parte do objeto de estudo deste trabalho.

⁴⁹ Apud Glaser e Kaufmann (1998, p.2); Jervis foi quem escreveu pela primeira vez sobre essas variáveis da teoria ofensivo-defensiva.

⁵⁰ “When offense has the advantage, it is impossible for states of equal size to enjoy high levels of security simultaneously (...).” GLASER e KAUFMANN (1998)

⁵¹ Com exceção de alguns poucos Estados que ainda disputam territórios por causas religiosas, busca por independência, entre outras. A maioria desses conflitos são históricos e, até os tempos atuais, ainda não foram resolvidos.

2.1.1 A Era Trump

Um grande contraste surge na política externa norte-americana após a eleição do novo presidente dos EUA, Donald Trump, em 2017. A política externa norte-americana vinha se caracterizando, especialmente no governo Obama⁵², por uma abordagem majoritariamente diplomática na resolução de conflitos, e no relacionamento com a RPDC não seria diferente, apesar dos frequentes testes militares que foram realizados.

Os EUA, como medida punitiva aos testes norte-coreanos, impuseram diversas sanções econômicas ao país⁵³, de modo que, a cada teste militar e ameaça se tornavam mais limitadas as transações econômicas da RPDC. Vale salientar que a escolha por sanções de cunho econômico foi de grande valia, visto que atinge um dos principais pilares de um Estado. Dessa forma, era esperado que a Coreia do Norte cedesse, e apresentasse um posicionamento favorável à sua desnuclearização. Porém, por mais pesadas que fossem as sanções, a expectativa não foi alcançada e a Coreia do Norte manteve seu posicionamento.

Como uma das táticas utilizadas pelos EUA para mudar o posicionamento norte-coreano, além das sanções, Trump incumbiu a China de controlar a Coreia do Norte⁵⁴, e persuadi-la para que cessasse seu programa nuclear – dado ao bom relacionamento entre os países. Com a resistência norte-coreana às pressões internacionais, os EUA passaram a cobrar um posicionamento mais firme da China, em relação à RPDC.

Diferente da estratégia diplomática e cautelosa de Obama, Trump se utiliza de uma tática mais dissuasiva, principalmente após perceber que a Coreia do Norte não respondia como desejado às sanções empregadas, ou a tentativas de persuasão. Assim, como forma de atingir o grande objetivo de desnuclearizar a RPDC, os EUA tentam manipular o comportamento norte-coreano por meio de ameaças de retaliação, caso insistissem em ameaçar os EUA e pôr em risco a segurança internacional.

Convém lembrar, ainda, que as ações hostis de Kim Jong Un apresentam uma ameaça não só para os países pequenos da região, mas também para a China, sua aliada. A esse respeito, o presidente norte-americano se manifestou, dizendo que “a Coreia do Norte é uma nação pária que se tornou uma grande ameaça e embaraço para a China, que está tentando ajudar, mas com pouco sucesso” (Trump, 2017), além de enfatizar que, no diálogo

⁵² O CSNU reforçou as sanções econômicas aplicadas à RPDC, como meio de punir o regime norte-coreano. Tais resoluções foram, em grande parte, elaboradas pelos EUA.

⁵³ Relatadas no capítulo 1.

⁵⁴ Mediante a série de ameaças de possíveis ataques nucleares, e a execução de testes militares que afetavam os países vizinhos – como o terremoto de magnitude 5,1 sentido na Coreia do Sul, consequência de um dos testes realizados no Mar da Coreia.

com a RPDC, só se poderia utilizar de uma única alternativa – deixando subentendido o apelo ao uso de armas nucleares.

Glaser e Kaufmann (1981), defendem uma visão de realismo distinta da de Waltz – com a distribuição desigual e recursos. Para eles, o foco está voltado para a habilidade de um Estado em atuar em missões militares necessárias, tal foco é cabível ao analisar a postura de Trump em relação à Coreia do Norte.

North Korea best not make any more threats to the United States, they will be met with fire and fury like the world has never seen. He has been very threatening beyond a normal state, and as I said they will be met with fire, fury and frankly power, the likes of which this world has never seen before. (TRUMP, 2017)⁵⁵

Em seu discurso, Trump deixa bastante clara a sua posição perante a insistência do líder norte-coreano em ameaçar os EUA e realizar testes balísticos – os quais ameaçam a segurança de diversos países, de imediato os seus vizinhos na região da Península Coreana.

Perante às insistências norte-coreanas e a realização de seu 6º teste nuclear, a embaixadora norte-americana Nikki Haley enfatiza na ONU o papel dos “países nucleares”, alegando que possuir poder nuclear não implica em usar tal armamento para ameaçar outros, enfatizando que os países nucleares entendem suas responsabilidades⁵⁶.

É válido ressaltar nesse contexto, o receio da Comunidade Internacional perante os novos países nucleares, citado por Waltz (1981). Em sua obra, o autor defende que é necessário que as armas nucleares sejam distribuídas e não acumuladas, ou seja, que haja uma repartição horizontal do armamento nuclear, ao invés de vertical, que gera o acúmulo deste tipo de armamento por poucos.

A distribuição das armas nucleares não é algo muito bem visto pela Comunidade Internacional, que se mostra receosa perante perigos advindos de tal ato. Muitos acreditam que, pelo fato de por termos experiências passadas “pacíficas” com as armas nucleares, se torna mais provável que nosso futuro nuclear seja desastroso.

Com a aquisição das armas nucleares por novos países, além dos antigos detentores⁵⁷, surge uma grande preocupação acerca do uso dessas armas por tais atores, visto que não se pode ter certeza das da postura desses países em situações críticas. “A maioria das

⁵⁵ É melhor que a Coreia do Norte não faça mais nenhuma ameaça aos EUA, eles vão ser recebidos com fogo e fúria como o mundo nunca viu. Ele (Kim Jong Un) tem nos ameaçado para além do normal, e como disse eles serão recebidos com fogo, fúria e, francamente, um poder do tipo que o mundo nunca viu antes. (Tradução autoral) Discurso feito por Donald Trump, presidente dos EUA, em 08 de agosto de 2017.

⁵⁶ “Being a nuclear power is not about using those terrible weapons to threaten others. Nuclear powers understand their responsibilities.” (HALEY, Nikki)

⁵⁷ Os membros do CSNU possuem armas nucleares possuem 90% das armas nucleares, sendo o restante distribuído entre Índia, Paquistão, Israel e Coreia do Norte.

peessoas acreditam que as chances das armas nucleares serem utilizadas varia com o caráter desse novo Estado-nuclear – seu senso de responsabilidade, inclinação em direção ao *status quo*, competência político-administrativa” (WALTZ)⁵⁸.

Em novembro de 2017, de acordo com o relatório do Arms Control Association (2018)⁵⁹, os presidentes dos EUA e da Coreia do Sul se reúnem e concordam em cooperar para conter a ameaça apresentada pela Coreia do Norte, contando ainda com a ajuda da China para que se encontre uma solução diplomática para a situação.

Entretanto, mesmo com a tensão presente entre EUA e RPDC, já no início do ano, Kim Jong Un tenta uma reaproximação sutil com a Coreia do Sul, em relação a participação na Olimpíada de Inverno de 2018. Tal fato, encaminhou a abertura de um canal de diálogo entre Estados Unidos e Coreia do Norte, onde poderia haver negociações sobre a desnuclearização norte-coreana.

Em 12 de junho de 2018, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, se encontra com o líder da Coreia do Norte, Kim Jong Un, em Singapura, onde inauguraram um novo capítulo na história dessas duas nações, historicamente inimigas. Nesse encontro, os representantes dos dois países estabeleceram novas relações entre EUA e RPDC, construindo um regime de paz duradouro e estável na Península Coreana. Ratificando a completa desnuclearização da Península, ademais, Trump se compromete em providenciar garantias de segurança para a Coreia do Norte⁶⁰.

Já em 29 de setembro, em reunião com ministros de outros países, o secretário de estado Mike Pompeo, representante norte-americano, defende os interesses dos EUA em manter as sanções norte-coreanas, até a desnuclearização completa. Em contrapartida, os aliados da Coreia do Norte, na figura do ministro chinês (Wang Yi) e o chanceler russo (Sergei Lavrov), replicavam que as sanções impostas poderiam ser aliviadas, em prol de um aumento na diplomacia com a RPDC.

Segundo o relatório do Arms Control Association (2018), o diretor do IFAS⁶¹ e diretor geral do Departamento de Negócios Norte-Americanos do Ministério, Kwon Jong Gun, em 02 de novembro, defende que a Coreia do Norte pode considerar um retorno à

⁵⁸ “Most people also believe that the chances that nuclear weapons will be used vary with the character of the new nuclear states—their sense of responsibility, inclination toward devotion to the *status quo*, political and administrative competence” WALTZ (1981).

⁵⁹ Apud Arms Control Association 05 de novembro de 2018.

⁶⁰ Apud Arms Control Association, 05 de novembro de 2018.

⁶¹ Foreign Ministry’s Institute for American Studies (IFAS). Instituto de Estudos Americanos do Ministério Exterior (Tradução autoral)

política *byungjin* de focar simultaneamente em seu programa nuclear e economia, se os EUA permanecerem em seu curso atual⁶².

A tática de dissuasão utilizada pelo presidente norte-americano, *Hostile Takeover*, pode ser considerada bem sucedida, visto que conseguiu fazer com que Kim Jong Un mudasse sua postura perante os EUA – postura essa que herdou de seu pai e vinha cultivando desde que entrou no poder, com uma visão de rivalidade contra o “imperialismo norte-americano”.

2.2 A República das Coreias e a longa trajetória para a reunificação

A Coreia do sul, veio de um histórico marcado pela aliança com os EUA, em consequência, com um anticomunismo, ainda que isso não interferisse em suas intenções em se reaproximar, e reunificar com a Coreia do Norte.

Por se tratarem de nações-irmãs, as Coreias possuem diversos elementos comuns, a citar sua história conjunta, parte de sua cultura e o idioma coreano. Por causa disso, é estabelecido em 1969 o Conselho Nacional de Unificação, no governo de Park Chung-Hee (1963-1979), e apresenta seu estatuto no ano de 1998, simbolizando um papel importante na promoção do diálogo, cooperação, e intercâmbio intercoreanos.

Este Conselho, almeja uma reunificação do território coreano, e posteriormente segue com seu objetivo na forma do Ministério da Unificação. Assim, o órgão do governo sul-coreano, age de modo a planejar e coordenar as políticas de unificação das Coreias, além de promover o intercâmbio e ajudas humanitárias, com vistas a alcançar seu profundo desejo de reunificação.

Em 2013, foi eleita a primeira mulher presidente da República da Coreia, Park Geun-Hye, filha de um dos ex-presidentes sul-coreanos, Park Chung-Hee. A presidente deu continuidade à política de seu antecessor, Lee Myung-Bak (2008-2013), indo de encontro à Política Sunshine⁶³ e tomando medidas mais rígidas em relação aos ataques e ameaças da Coreia do Norte.

No início de seu mandato, em visita à Barack Obama, Park apresenta sua avaliação acerca da segurança na Península Coreana, onde defende que as capacidades de dissuasão são a melhor estratégia pra lidar com a Coreia do Norte. Contudo, apesar do tratamento duro com a Coreia do Norte, é possível considerar que a presidente seja favorável

⁶² Apud Arms Control Association, 05 de novembro de 2018.

⁶³ Política adotada pelo governo sul-coreano entre 1998 e 2008, pretendia suavizar a tensão entre as Coreias, de modo a promover o intercâmbio em diversos setores, trabalhando conjuntamente à Coreia do Norte para a reunificação futuramente nas condições adequadas.

a reunificação das Coreias – levantando a bandeira adotada por seu pai de: ‘vamos viver bem’ –, dado que este é um desejo que permanece desde a separação territorial coreana.

Assim, é importante enfatizar através da postura da presidente, que enfatizava fortemente a importância das relações Coreia do Sul-EUA, a priorização da segurança mediante as hostilidades de seu vizinho ao norte. Os EUA se tornam um ator valioso na manutenção da estabilidade na região da Península Coreana, dado que seus aliados Coreia do Sul e Japão⁶⁴, contam com sua ajuda para que possam se proteger contra as ações da RPDC.

Esse tipo de política norte-americana é explicada por Steven E. Lobell⁶⁵, o qual defende que as grandes potências tendem a maximizar sua segurança preservando a balança de poder existente através de estratégias defensivas. No caso dos EUA, o país defenderá seus aliados, especialmente por estes precisarem de seu apoio militar, se necessário, na preservação da segurança da região.

Na metade de seu governo, começam a emergir informações sobre a possibilidade de vazamento de assuntos confidenciais de Estado para terceiros. As notícias indicam que a presidente sul-coreana teria se deixado influenciar por uma amiga, de modo a vazar informações sigilosas, deixar terceiros se envolverem em assuntos de Estado, extorquir empresas e corrupção.

Park Geun-Hye é então afastada do cargo de presidente em dezembro de 2016, sofrendo um impeachment em 2017, após ter perdido as imunidades e ter sido condenada pelos crimes cometidos – Park recebeu 18 acusações, e foi condenada a 24 anos de prisão em março do mesmo ano.

2.2.1 Moon Jae-In: a nova face da Coreia do Sul

Após o período entre governos, onde houve um governo provisório (2016-2017), Moon Jae-In assume a presidência República da Coreia em maio de 2017. Político liberal e advogado, o presidente sul-coreano se comprometeu em melhorar os laços com a Coreia do Norte, além de estimular políticas que visam a implementação de um sistema antimísseis na Coreia do Sul.

No âmbito nacional, o presidente da Coreia do Sul, visa investir no crescimento nacional, incentivando a economia, em especial pequenas e médias empresas, aumentando a geração de empregos e os salários, de modo a reduzir a concentração de renda no país.

⁶⁴ Estes países não possuem poderio militar suficiente para combater, ou se defender de ataques de grande poder de destruição, como os de bombas nucleares.

⁶⁵ Major powers seek to maximize their security by preserving the existing balance of power through mostly defensive strategies (LOBELL, Steven E.)

O filho de refugiados norte-coreanos preza por um bom relacionamento entre as duas nações, porém, afirma que um diálogo só poderia ser estabelecido caso Pyongyang descontinuasse sua conduta nuclear e testes de mísseis balísticos.

Em junho de 2017, Moon Jae-In se encontra com Donald Trump, e se comprometem em trabalharem juntos na situação existente com a Coreia do Norte. No mês seguinte, são realizados novos testes militares, além de haver ameaças de enviar míssil intercontinental aos EUA. O míssil caiu sobre o mar ao largo do Japão, porém, segundo especialistas, caso tivesse sido lançado em uma trajetória normal, poderia ter atingido possivelmente a cidade de Chicago, ou Nova York⁶⁶.

Dado o cenário criado, aumenta as preocupações em relação à RPDC e, em novembro de 2017, é realizada uma reunião entre o presidente dos EUA e o Primeiro ministro do Japão, onde reforçam a cooperação trilateral com a Coreia do Sul, para tratarem com a RPDC. Além disso, Trump enfatiza o compromisso dos EUA em equipar o Japão com equipamentos de defesa, incluindo misseis balísticos de defesa.

Ainda em novembro, os presidentes dos EUA e Coreia do Sul se encontram e, após a cúpula, enfatizam o trabalho conjunto no combate a ameaça representada pela RPDC, além de convocarem a China para uma solução diplomática.

Contudo, por mais que houvesse uma tensão entre EUA e RPDC, Kim Jong Un propõe à Moon Jae-In que participem juntos da Olimpíada de Inverno de 2018, de modo que põe em segundo plano o fato de Seul ter tentado negociar a desnuclearização norte-coreana. A Olimpíada sediada em PyeongChang, Coreia do Sul, simbolizou um grande primeiro passo, vindo da Coreia do Norte⁶⁷, para o estabelecimento de boas relações entre essas duas nações-irmãs.

Em março de 2018, oficiais sul-coreanos relatam que a Coreia do Norte estaria aberta para negociações com os EUA, para discutir sobre desnuclearização. No dia 27 de abril do mesmo ano, ocorreu um momento histórico, os representantes da Coreia do Norte e Coreia do Sul se encontram em Panmunjom (ZDC), e atravessam a Zona Desmilitarizada, simbolizando um passo à reaproximação entre esses dois países-irmãos – que há mais de 60 anos se encontram afastados, enfatizando que teoricamente os países ainda estão em guerra, dado que a Guerra das Coreias foi ‘acabada’ por um armistício, não uma declaração formal que põe fim ao conflito, um Tratado de Paz.

⁶⁶ Apud The Washington Post, 28 de julho de 2017.

⁶⁷ Já houveram diversas tentativas sul-coreanas de reaproximação, por meio do Comitê para a Reunificação Pacífica da Coreia, porém, até 2017, sem sucesso.

Na data de 19 de setembro, os líderes da Coreia do Norte e da Coreia do Sul acordam em expandir a cessação das hostilidades militares entre os dois países, além de avançar a cooperação e trocas em diversas áreas, como: cultural, econômica e humanitária.

Desse modo, percebe-se com essas ações, atípicas do comportamento norte-coreano, uma intenção bastante aguardada pela Coreia do Sul, a qual vem tentando, por meio do Ministério de Unificação, estabelecer um diálogo inicial para uma possível reunificação coreana. Observar uma iniciativa norte-coreana, cria expectativas de que esta esteja realmente bem-intencionada e deseje uma futura reunificação.

Importante enfatizar, ainda, que tal reunificação muito provavelmente não ocorra, dadas as enormes diferenças que surgiram em cada um dos países desde sua separação territorial. Além do mais, com a reunificação de nações, agora, tão distintas, surgem diversas dúvidas perante o futuro político dessa Coreia unificada.

Assim, se torna mais razoável e concreto, falar sobre a reaproximação coreana. Tal reaproximação pode ser um grande passo para a unificação, porém, primeiramente, precisa que as intenções de ambos os lados sejam verdadeiras – implicando que a Coreia do Norte esteja realmente disposta a se desnuclearizar. Com isso, sim, o território coreano poderá partir para uma reaproximação, e cumprimento de todas as metas que visam uma possível reunificação – ainda que, atualmente distante.

CAPÍTULO III - CAMINHOS PARA A REAPROXIMAÇÃO: CONDIÇÕES E PERSPECTIVAS

3.1 O compromisso com seus aliados

O Cenário internacional, espaço onde os Estados atuam e se relacionam entre si, é caracterizado por sua anarquia, como inicialmente discutido, e por ser extremamente competitivo⁶⁸. Os Estados-nação, especialmente numa época globalizada, tendem a priorizar seus interesses e querer sobressair-se em meio aos outros, apesar de serem considerados “iguais” na esfera internacional.

Apesar disso, por estarem inseridos em um mesmo cenário internacional, muitos Estados também buscam como um de seus objetivos máximos a manutenção da estabilidade deste espaço – assim como acúmulo de riquezas, crescimento de seu poder relativo, manutenção de líderes etc. (Morin e Paquin, 2018, p.19). Importante enfatizar que, os interesses estatais variam bastante, podendo chegar a serem até contraditórios.

Com isso, dado o poderio de alguns Estados, como a China e os EUA, é possível entender a razão pela qual eles recebem diversas ameaças, com formas variadas. Para competir efetivamente, são necessários aliados, e esses países não fogem à regra⁶⁹, visto que o isolamento geopolítico se torna um perigo para o próprio Estado, caso este de depare com algum conflito internacional, onde não teria nenhum suporte aliado para o ajudar.

A aliança é uma via de mão dupla, podendo ser comparada a uma cooperação, onde um Estado se propõe a apoiar o outro dadas as circunstâncias – ainda que possuam condições e K_{FPIS} distintos. Assim, os EUA garantem a proteção de seus aliados, os proporcionando segurança, caso ameaçados, e outras formas de suporte; em contrapartida, caso os EUA sejam ameaçados, é esperado que seus aliados sejam os primeiros a responder em seu favor⁷⁰.

Brian Hook, ex-Diretor de Planejamento de Políticas⁷¹, menciona em seu trabalho⁷² a postura norte-americana perante seus aliados, onde “To support our allies, the Trump Administration is committed to maintaining America’s historic role as a truly global

⁶⁸ Relembrar a importância das cooperações, capítulo 2.

⁶⁹ As alianças norte-americanas se estendem pelo globo, em especial nas Américas, onde tem grande apoio e papel hegemônico.

⁷⁰ Hook in The Road Ahead (2018, p.178)

⁷¹ Hook, Diretor de Planejamento de Políticas dos EUA de fevereiro de 2017 a agosto de 2018.

⁷² Policy planning in the Trump administration - principles, priorities, practices. HOOK, Brian (2018)

player”⁷³. Dessa forma, com base no caso aqui estudado, fica claro o apoio dos Estados Unidos à Coreia do Sul e Japão frente às hostilidades norte-coreanas, que põem em risco a estabilidade da península e países vizinhos – além do mais, tais hostilidades foram direcionadas aos EUA.

De forma análoga, pode-se ainda observar a ‘proteção’ dada a Coreia do Norte por seus principais aliados, China e Rússia, que procuram amenizar as sanções aplicadas à Pyongyang e, buscam, acima de tudo, uma resolução pacífica e diplomática da questão nuclear norte-coreana. Dessa forma, se utilizam do diálogo para tentar negociar com o país coreano, tentando persuadir o líder Kim Jong Un a rever suas decisões nucleares.

Ambos os aliados norte-coreanos demonstraram serem contra seu programa nuclear, porém, ainda tentam dialogar de forma diplomática com o líder norte coreano. Com a insistência de Kim Jong Um, as sanções se tornaram mais restritivas, inclusive, contando com o apoio de seus aliados para suas aprovações. Apesar disso, Putin alerta que a intensificação da crise norte-coreana poderia causar uma ‘catástrofe planetária’, além disso, afirma que as propostas de sanções dos EUA são ineficazes⁷⁴, dado seu histórico onde, apesar das diversas sanções, a Coreia do Norte não diminuiu seus testes militares.

Com isso, importante enfatizar novamente, o discurso do presidente Trump à Coreia do Norte, onde cogitou a utilização de força bruta – e provavelmente armamento atômico⁷⁵ –, como forma de conter a ameaça norte-coreana, caso seu comportamento hostil permanesse. Tal posicionamento, do presidente do EUA, pode ser justificado pelo discurso de Lobell (2017), “For defensive realists, conflict is sometimes necessary such as in the case of aggressor states, when their security is threatened, when they are insecure, or when differences are irreconcilable”⁷⁶. No caso, se Kim Jong Un continuasse com seu comportamento ofensivo, delegando ameaças aos EUA, realizando testes com mísseis balísticos, e desenvolvendo seu programa nuclear para fins não pacíficos, os EUA se utilizariam de uma abordagem mais dura para cessar essas ameaças à segurança regional do

⁷³ Para ajudar nossos aliados, a Administração Trump está comprometida a manter o papel histórico dos Estados Unidos como um verdadeiro global player. (Tradução autoral).

⁷⁴ Apud The Guardian, 05 de setembro de 2017.

⁷⁵ Por mais que a utilização de armas nucleares seja considerada uma missão suicida, podendo causar a destruição global, os EUA já vêm apresentando resultados na pesquisa e desenvolvimento de armas nucleares com potência reduzida – investimento feito em resposta às novas armas nucleares e míssil de ‘alcance ilimitado’ desenvolvidos pela Rússia. Matéria de BARATA, Clara in Público.

⁷⁶ Para os realistas defensivos, o conflito é as vezes necessário, como no caso de Estados agressores quando sua segurança é ameaçada, quando eles estão inseguros, ou quando as diferenças são irreconciliáveis. (Tradução autoral)

nordeste asiático – onde Coreia do Sul e Japão, ambos aliados dos EUA, são os mais temerosos com o comportamento da RPDC e seus danos colaterais.

Contudo, o cenário se reverteu no início de 2018, quando a Coreia do Norte supera todas as mais otimistas expectativas, tomando uma iniciativa de reaproximação com a Coreia do Sul⁷⁷, e se mostra aberta ao diálogo com os EUA. Ainda que esse momento histórico tenha sua devida importância, é necessário que se analise também o *background* que pode ter ocasionado tal mudança de postura por parte do líder norte-coreano, Kim Jong Un, além da veracidade de suas intenções.

3.2 Uma mudança inesperada

A República Popular Democrática da Coreia, desde sua fundação, vem seguindo uma linha comportamental inspirada no socialismo – influência do período da Guerra Fria – e, com o passar do tempo e a sucessão de governos, de forma hereditária, a essência anti-EUA passou a ter um lugar de maior destaque. Assim, inicialmente, a Coreia do Norte seguiu uma doutrina baseada no socialismo Zuche⁷⁸, com Kim Il Sung, o ‘grande líder’, no comando do país. Os governos seguintes – Kim Jong Il e Kim Jong Un, nesta ordem – também seguiram a mesma linha, porém, com o passar dos governos o investimento militar – que já era uma das características da ideologia Zuche – aumenta e abraça as armas nucleares.

A adesão ao armamento nuclear data desde Kim Il Sung, porém, com o passar dos governos a incidência dos testes de mísseis balísticos ganhou uma frequência maior, fazendo com que as alegações de enriquecimento nuclear apenas para fins pacíficos passassem a ser questionadas.

No início do milênio, em 2002, após ser incluída no ‘Eixo do Mal’ de George W. Bush, Pyongyang revela seu reator *Yonbgyon*, que produz plutônio, em seguida expulsa os inspetores da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) e, posteriormente, se retira do Tratado de Não Proliferação Nuclear (TNP)⁷⁹. A partir de então, a Coreia do Norte recebe sanções de cunho tanto econômico quanto comercial e em 2005 anuncia sua fabricação de armas nucleares de autodefesa.

Por outro lado, no governo de Kim Jong Un, o comportamento norte-coreano perante o mundo, em especial a seus vizinhos e aos EUA, se apresentava mais hostil e

⁷⁷ As iniciativas anteriores eram encabeçadas pela Coreia do Sul, e não conseguiram alcançar os resultados desejados.

⁷⁸ O principal lema da ideologia Zuche é: ‘homem é o mestre de tudo e tudo decide’.

⁷⁹ Apud G1, portal de notícias, 07 de fevereiro de 2016.

ofensivo que os anteriores, de modo a aumentar as sanções sofridas e a preocupação da CI em relação ao futuro do nordeste asiático. Tal preocupação também vinha de seus países amigos, que votaram a favor de tais sanções, apostando que seriam eficazes na contenção do comportamento norte-coreano.

Porém, tal postura apresentou uma reviravolta e, logo no início de 2018, Kim Jong Un dá um passo inesperado, propõe à Moon Jae In que as duas Coreias participem juntas dos Jogos Olímpicos de Inverno de 2018, que seriam sediados na República da Coreia. Esse passo não era previsto, dado que, após o discurso do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump⁸⁰, em agosto de 2017, a Coreia do Norte, ao invés de mudar imediatamente o seu comportamento, continuou com seu programa e, intensificou os testes de mísseis sem se intimidar inicialmente com as ameaças lançadas.

Com o cenário estabelecido, era de se esperar que se mantivesse o padrão de comportamento hostil, por parte da RPDC, entretanto, com sua mudança de postura, é importante entender alguns fatores que podem ter influenciado essa atitude.

Alguns acontecimentos internacionais, ocorridos em meados de 2017 e 2018, aparentam ter grande peso e influência na nova postura norte-coreana, dentre eles a nova face da Coreia do Sul, com Moon Jae In, e a diplomacia de Trump.

A participação sul-coreana nessa nova postura do norte se dá pela nova abordagem em relação à Coreia do Norte e, possivelmente, o histórico familiar⁸¹ carregado pelo presidente da Coreia do Sul, Moon Jae In. O presidente sul-coreano – representante do partido Nova Aliança Política para a Democracia (NPAD), que reflete pensamentos de centro-esquerda – se compromete, ainda em sua plataforma eleitoral, a procurar ter um melhor relacionamento com sua vizinha ao norte. Dessa forma, por ser um político liberal, sua abordagem para alcançar tal reaproximação foi diferente dos seus antecessores conservadores, que apenas aprovavam sanções punitivas a Coreia do Norte, ao invés de tentar se reaproximar de fato.

A postura de Moon Jae In foi mais direcionada para uma tentativa de reaproximação, e se utilizava de estratégias dissuasivas que, diferente do caráter ameaçador utilizado por Trump, possui um viés atrativo – colocando como condição para a reaproximação, a manifestação do interesse da Coreia do Norte em se desnuclearizar.

⁸⁰ Nesse discurso, Trump expõe nova postura perante a RPDC, caso continue com seu comportamento hostil. O presidente dos EUA ameaça a utilização de fogo e fúria para conter tal ameaça.

⁸¹ O presidente da República da Coreia é filho de refugiados de sua vizinha, RPDC.

Acrescente-se ainda, a postura mais rígida de Trump, que potencializou a tomada de decisão de Kim Jong Un. Após o discurso do presidente norte-americano – onde ameaçou se utilizar do poderio estadunidense contra às ameaças norte-coreanas –, a Coreia do Norte não deu tanta credibilidade à fala do presidente dos EUA, agindo com desdém e dando seguimento ao seu programa nuclear. Todavia, observando a ineficácia de seu discurso⁸², Trump reforça suas intenções em forma de sanções e ênfase às consequências sofridas pela Coreia do Norte, caso continuasse com seu programa nuclear e suas ameaças constantes aos EUA⁸³.

Assim sendo, a Coreia do Norte percebe que a estratégia dissuasiva⁸⁴ que vinha mantendo – de ameaça aos EUA e execução de testes com mísseis balísticos, como forma de tentar manter sua segurança – não foi suficiente para cessar as insistências internacionais para a sua desnuclearização. Ademais, além de observar a veracidade nas intenções dos EUA em atacar, caso preciso, o território norte-coreano; Kim Jong Un vê sua economia cada vez mais limitada, devido às pesadas sanções recebidas – a partir de dados obtidos através do Treading Economics(2018), só em 2017 a economia norte-coreana, teve um corte de importações refinadas de petróleo em quase 90%⁸⁵ e limita suas exportações em cerca de 37% em relação ao ano anterior⁸⁶.

Percebendo o peso do discurso de Trump e sentindo-se cada vez mais restrito em sua economia, ademais a proposta de reaproximação com a Coreia do Sul, o líder norte-coreano apresenta uma postura inesperada, se aproximando da República da Coreia e se mostrando aberto ao diálogo com os EUA em relação à sua desnuclearização.

3.2.1 As condições da desnuclearização

Em 2018, houveram encontros marcantes, entre os presidentes das duas Coreias em Panmunjon e entre Donald Trump e Kim Jong Un. Esses encontros marcaram os

⁸² Após as reações norte-coreanas a seu discurso, Trump revela que sua abordagem pode não ter sido ‘bastante dura’. Apud Arms Control, 15 de novembro de 2018.

⁸³ Decorrente de seu comportamento, a Coreia do Norte é mais uma vez incluída pelos EUA como patrocinadora estatal do terrorismo em 20 de novembro de 2017 – havia sido retirada da lista em 2008.

⁸⁴ Segundo Morgan, a grande preocupação da estratégia dissuasiva é um ataque, sendo esta uma tentativa de que se evite o uso de força. Dessa forma, não era desejado pela RPDC que Trump também se utilizasse de uma estratégia dissuasiva, com iminência do uso de força.

⁸⁵ Apud Arms Control, 15 de novembro de 2018.

⁸⁶ “Exports in North Korea decreased to 1844.50 USD Million in 2017 from 2913.73 USD Million in 2016.” As exportações na Coreia do Norte diminuíram para 1844,50 milhões de USD em 2017, em relação aos 2913,73 milhões de USD em 2016. (Tradução autoral) Apud Treading Economics, 21 de maio de 2018.

primeiros passos da abertura da Coreia do Norte ao diálogo, e à discussão sobre a destruição de seu programa nuclear.

Por outro lado, os governos aliados à Coreia do Norte ajudam a defender os interesses norte-coreanos perante o mundo, no caso do processo de desnuclearização, foram porta-vozes da condição norte-coreana que, em troca da desnuclearização completa, pede garantias de segurança internacionais.

Após a reunião entre Donald Trump e Kim Jong Un, acerca da desnuclearização completa da RPDC, o presidente da Rússia, Vladimir Putin, ressaltou as exigências norte-coreanas perante a Comunidade Internacional, onde: “Se a Coreia do Norte faz algo para a desnuclearização, espera medidas recíprocas, e não exigências sem fim pelo desarmamento total”. Acrescenta-se a fala do presidente chinês, Xi Jinping, o qual destaca que “China e Rússia tem um mesmo roteiro: promover a desnuclearização, mas ao mesmo tempo oferecer garantias para preservar a paz na península coreana. Uma só nação não pode oferecer tais garantias, precisamos do esforço da Comunidade Internacional”⁸⁷.

Neste sentido, a Coreia do Norte busca tais garantias como forma de manutenção de sua segurança, já que, com a sua desnuclearização completa não terá mais a sua ‘moeda de barganha’ e defesa, seu armamento nuclear. Convém ressaltar o ponto de vista de Waltz (1981), segundo o qual, em um cenário anárquico, é de suma importância a manutenção da segurança nacional, a fim de proteger o Estado-nação de ameaças externas, dado o dilema de segurança instalado.

Conforme exposto no Capítulo II, o dilema de segurança pode ser evitado com o estabelecimento de cooperações entre as nações, fazendo com que um conflito se torne demasiado oneroso, visto que põe os ganhos da cooperação em risco e prejudica as nações envolvidas – custos da guerra e impactos causados em seus territórios. Sob essa ótica, surge o seguinte questionamento: Poderia a Coreia do Norte se utilizar de cooperações para se livrar do dilema de segurança existente? A resposta não é precisa – dado que são acontecimentos recentes e ainda não se observou uma medida concreta em direção à desnuclearização norte-coreana –, contudo, por mais que a Coreia do Norte tenha um histórico de cooperações, este é restrito a poucos países, dentre eles, destacam-se os seus aliados, China e Rússia.

As cooperações norte-coreanas com seus aliados foram de extrema importância, principalmente para a manutenção do Estado norte-coreano numa política isolacionista. Por mais contraditória que possa parecer essa relação, ela conseguiu ser bem sucedida e manter

⁸⁷ Apud Agência Brasil, 12 de setembro de 2018.

deveras o funcionamento da RPDC. Essas cooperações, representantes das suas alianças advindas do período da Guerra Fria, ajudaram a sustentar a economia do país, que depende majoritariamente de importações, segundo Grzelczyk (2017)⁸⁸ – a autora aborda em seu trabalho a respeito da balança comercial deficitária da RPDC, indicando que importações se sobressaem as exportações nacionais.

Dessa forma, “o suporte econômico da República Popular da China tem sido notado como uma das graças salvadoras do regime assim como, pela natureza de seu suporte, veio mudando gradualmente de assistência econômica e energética para investimentos estrangeiros e *joint-ventures*⁸⁹” GRZELCZYK (2017, p.6)⁹⁰.

Por outro lado, apesar de seus aliados a apoiarem, a Coreia do Norte, após desconsiderar as sanções anteriormente sofridas e continuar com seu programa nuclear, recebeu como resposta destes a aprovação das pesadas sanções que caíam sobre seu país, limitando grade parcela da economia norte-coreana. Tais sanções foram aprovadas pelo CSNU, do qual seus dois grandes aliados são membros e, a fim de preservar a segurança regional e internacional, os membros do Conselho de Segurança votam unanimemente a favor de sanções mais severas contra a RPDC. Sua intenção era punir a Coreia do Norte, por ameaça à instabilidade da segurança regional; e tentar cessar seu programa nuclear.

Nesse contexto, é perceptível que as alianças norte-coreanas, acima de tudo, prezam pela estabilidade e manutenção da segurança internacional. Assim, a Coreia do Norte, com sua mudança comportamental, aparenta buscar por uma manutenção dessas alianças anteriores, estar aberta para reconciliações com a Coreia do Sul e ao diálogo com os EUA.

Com essa nova postura da Coreia do Norte perante o mundo, torna-se necessário enfatizar a importância do Conselho de Unificação da Coreia, e seu desejo de reaproximação com Pyongyang.

⁸⁸ “Essentially, the DPRK’s overall trade volume has expanded in recent years, but North Korea operates a perpetual trade deficit.” (GRZELCZYK, 2017, p.3); Essencialmente, o volume geral de comércio da RPDC se expandiu nos anos recentes, mas a Coreia do Norte opera um déficit comercial perpétuo. (Tradução autoral)

⁸⁹ Empreendimentos conjuntos, em forma de sociedades e associações. No caso, entre a China e a Coreia do Norte.

⁹⁰ “The PRC’s economic support has been noted as one of the regime’s saving graces as well, though the nature of its support has gradually changed from economic and energy assistance to foreign investment and joint-ventures.” GRZELCZYK (2017, p.6)

3.2.2 Conselho de Unificação da Coreia: perspectivas sobre a ‘nova’ Coreia do Norte

Em recente entrevista ao ex-membro oficial do Ministério Nacional de Unificação da Coreia, Choi Kong Pil⁹¹ (2009-2012), foi possível obter um posicionamento\ uma perspectiva acerca da política da Coreia do Sul perante a Coreia do Norte.

Durante a entrevista, Choi traz informação desde a Coreia no seu período colonial até os dias atuais. No que se refere ao Conselho de Unificação da Coreia, em suas tentativas de reaproximação com a Coreia do Norte, o ex-membro do Ministério de Unificação começa relatando as mais de 27 tentativas sul-coreanas de reaproximação com o Norte. Desde sua primeira separação, em 1945, a Coreia do Sul já apresenta iniciativas para a reunificação. Neste contexto, dado que a separação coreana foi causada por decisões externas ao território, ainda permanecia em sua população um desejo de um território unificado.

Aliado a isto, a presença tanto soviética quanto norte-americana, que impactaram bastante nas respectivas Coreias. As influências das potências nos países coreanos fizeram com que estes se afastassem, dado as suas divergências de ordem ideológica assim como política.

A influência norte-americana fez com que na Coreia do Sul fosse instalado um governo democrático, baseado na ideologia capitalista, com respeito à liberdade e incentivo à economia de mercado. Por outro lado, a União Soviética coloca no poder Kim Il Sung, que instalou um regime comunista na Coreia do Norte, priorizando uma economia planificada e um governo com pouca ou sem democracia alguma.

Assim, as tentativas sul-coreanas de reunificação e estabelecimento de um governo único entre as Coreias não obtiveram o sucesso esperado e, após 3 anos sem resposta positiva, a Coreia do Sul realiza, sob fiscalização da ONU, sua primeira eleição presidencial, onde Rhee Syng-man sobe ao poder.

Dois anos depois, ocorre a Guerra da Coreia, que expôs as diferenças entre as duas nações, e esclareceu os aliados de cada uma das Coreias. Além disso, após a assinatura do cessar fogo, em 1953, foi declarada como definitiva a separação das duas nações coreanas, redefinindo suas fronteiras, ainda tomando como base o Paralelo 38.

Desse modo, as Coreias passaram a seguir rumos distintos, uma se desenvolvendo e abraçando o capitalismo, e a outra, com seu regime ditatorial, emprega a ideologia do

⁹¹ Cargo equivalente ao de vice-ministro.

socialismo *Zuche* e se fecha perante o mundo – se relacionando apenas com seus poucos aliados.

A partir disso, Choi chama a atenção para a mudança de postura da RPDC, afirmando que, dado o histórico norte-coreano e suas experiências pessoais durante as missões do Conselho de Reunificação da Coreia, não acredita na veracidade norte-coreana de se desnuclearizar por completo. Em sua fala, o ex-membro do Ministério Unificação ainda menciona que as atitudes norte-coreanas fazem parte de um show, onde o líder Kim Jong Un tentaria vender ao mundo uma nova postura, porém sem suas sinceras intenções de fato. Acredita-se, portanto, que tal comportamento se daria como forma de diminuir as sanções aplicadas a seu território, decorrentes de seu comportamento hostil perante o sistema internacional.

Durante a entrevista, Choi ainda menciona algumas de suas experiências de vida, já que morava em Seul no período da invasão norte-coreana. Em seu relato, descreve a política coercitiva utilizada pelo governo norte-coreano com a população, para agradar à mídia global. Assim, a população que estava sob o regime Kim sofreu bastante, com ameaças constantes e políticas dissuasivas ofensivas, a exemplo: em momentos marcantes, como a morte do ‘eterno presidente’ e ‘grande líder’⁹², Kim Il Sung, onde a população, ameaçada de morte, era obrigada a demonstrar comoção com a sua partida; ou então na educação infantil, onde as crianças eram estimuladas a denunciarem seus pais⁹³, caso estes se mostrassem em desacordo com o governo Kim.

Acrescenta-se ainda que, num cenário mais recente e com a mudança de governos, as políticas norte-coreanas não afrouxaram, eram demasiado minuciosas, desde o monitoramento de sua população, a fiscalização das viagens feitas em território nacional e investigando os antecedentes se seus cidadãos – a fim de averiguar se possuíam parentes que haviam fugido, normalmente para a Coreia do Sul.

Em relação às missões em que participou, Choi conta que apesar das tentativas sul-coreanas de aproximação, incluso estabelecimento acordos intercoreanos, a Coreia do Norte não se mostrava aberta a essa cooperação, não cumprindo muitos de seus acordos com sua vizinha ao sul. Em viagens oficiais à Coreia do Norte (2007 e 2009), percebe que o país não mudou no decorrer dos anos, observando situações precárias, como a falta de

⁹² Ambas denominações dadas, como forma de cultivar a imagem do primeiro presidente da Coreia do Norte, sendo visto como um herói.

⁹³ As crianças recebiam como tarefa de casa prestar atenção nos comentários de seus pais, especialmente se tivesse relação com o governo. Dessa forma, caso esses comentários se mostrassem contrários ao regime, as crianças eram levadas a delatar os próprios pais, por uma atividade escolar.

investimento em áreas públicas, como em Gaesong, uma das maiores cidades da Coreia do Norte, onde há ausência de iluminação nas ruas.

No que se refere ao Acordo de Panmunjom⁹⁴, assinado para a desnuclearização da RPDC, o ex-membro do Ministério da Unificação opina que as intenções norte-coreanas não se dirigem diretamente ao acordo de paz, mas sim às condições impostas para a realização deste.

Dentre os termos do tratado, há referência à diminuição das ‘agudas tensões militares’ existentes na península. No entender norte-coreano, representaria a retirada de tropas norte-americanas do território sul-coreano, aproximadamente 32 mil soldados – as tropas dos EUA auxiliam na manutenção da estabilidade da península e evitam uma possível nova invasão norte-coreana. Porém, de acordo com o porta-voz de Seul, as tropas norte-americanas desempenham um papel mediador, no relacionamento da Coreia do Sul com outros países, como China e Japão. O presidente Moon Jae In, declara ainda que as Forças dos EUA no país são “uma questão da aliança entre a Coreia do Sul e os Estados Unidos, não têm a ver com a assinatura de um tratado de paz”⁹⁵.

No ponto de vista de Choi, o Tratado seria uma estratégia para viabilizar a invasão norte-coreana ao sul, e instalar seu regime na Península Coreana. Aliado a isto, não acredita na desnuclearização completa da RPDC, e se mostra desconfiado perante sua mudança de comportamento.

Por outro lado, demonstra que é possível que haja um controle do arsenal atômico norte-coreano, através as submissão e cumprimento dos termos do Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares. Em seguida, após o cumprimento dos termos do Tratado – refletindo em sua desnuclearização, ou pelo menos a não continuação e expansão de seu programa nuclear –, é necessário que sejam enviados fiscais das Nações Unidas para verificar e oficializar o cumprimento. Porém, por se tratar de um país bastante fechado e restrito, os encaminhados da ONU não permitidos a entrarem no território norte-coreano, dificultando a crença no cumprimento dos termos estabelecidos no TNP.

Assim sendo, apesar das aparentes boas intenções com a reaproximação das Coreias, e um projeto de futuro pacífico, é importante que também se considere o ponto de vista defendido por Choi, questionando a sinceridade das intenções norte-coreanas. Acima de tudo, a desconfiança de Choi é baseada também pelo fato de que a RPDC não se mostra

⁹⁴ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/documento-historico-conheca-integra-do-comunicado-das-duas-coreias-22633170>>.

⁹⁵ Apud Diário de Notícias, 08 de maio de 2018.

transparente perante o mundo e, apesar de se disponibilizar ao diálogo, ainda permanece uma incógnita. De forma análoga a execução de seus testes de mísseis balísticos, as intenções norte-coreanas com esse acordo são imprevisíveis e misteriosas.

3.3 Acordos para a desnuclearização: ainda há esperança

Apesar dos diversos questionamentos que surgiram, em 27 de abril de 2018 é assinado a Declaração de paz de Panmunjom, que finalmente pôs fim a Guerra das Coreias, lembrando que em 1953 foi assinado um armistício, não um tratado de paz.

Em seu corpo, a declaração reflete a aspiração duradoura do povo coreano pela paz, a prosperidade e a unificação, inaugurando uma nova era de reconciliação nacional, paz e prosperidade, com compromisso de melhorar e cultivar as relações intercoreanas de uma forma mais ativa.

DECLARAÇÃO DE PANMUNJOM PARA A PAZ, A PROSPERIDADE E A UNIFICAÇÃO DA PENÍNSULA COREANA⁹⁶

1. O Sul e Norte da Coreia irão reconectar as relações de sangue do povo e promover o futuro de coprosperidade e unificação liderado pelos coreanos, por meio da facilitação de um avanço abrangente e inovador nas relações intercoreanas. Melhorar e cultivar as relações intercoreanas é o desejo predominante de toda a nação e o chamado urgente dos tempos, que não podem mais esperar.

2. O Sul e o Norte da Coreia farão esforços conjuntos para aliviar a aguda tensão militar e eliminar na prática o perigo de guerra na Península Coreana.

3. O Sul e o Norte da Coreia cooperarão ativamente para estabelecer um regime de paz permanente e sólido na Península Coreana. Acabar com o atual estado antinatural de armistício e estabelecer um robusto regime de paz na Península Coreana é uma missão histórica que não deve ser mais adiada.

Os dois líderes concordaram em, por meio de reuniões regulares e conversas telefônicas diretas, realizar discussões frequentes e francas sobre questões vitais para a nação, fortalecer a confiança mútua e em conjunto esforçarem-se para fortalecer o impulso positivo para o avanço contínuo das relações intercoreanas, assim como a paz, a prosperidade e a unificação da Península Coreana.

Neste contexto, é importante seguir o exemplo sul-coreano e dar um voto de confiança à Coreia do Norte e sua mudança de comportamento. Porém, não sejamos ingênuos perante a situação, acreditando que de bom grado o país mudou repentinamente de estratégia. É possível sim, que a Coreia do Norte tenha interesses, ainda não demonstrados, com a assinatura do Tratado de Paz de Panmunjom e acordo de cooperação entre EUA e Coreia do Norte, e por isso são necessárias medidas preventivas, como forma de garantia para os outros países envolvidos.

⁹⁶ Caput do texto oficial, apud O Globo, 27 de abril de 2018.

Assim sendo, convém ressaltar as precauções norte-americanas que, perante as tentativas norte-coreanas e de seus aliados em diminuir as sanções já aplicadas à RPDC, mostrou-se inflexível em seu discurso, alegando que as sanções só serão aliviadas caso haja a demonstração de passos concretos em direção a desnuclearização norte-coreana.

Com tais medidas sendo aplicadas, aumentam as chances de êxito da desnuclearização e diminuem as chances de que a Coreia do Norte se beneficie da situação, das regalias pré-desnuclearização, caso houvesse a diminuição das suas sanções, e não se comprometesse de forma mais contundente. Dessa forma, o caminho para a estabilidade da península coreana começa a ser traçado, contando com a colaboração das partes envolvidas para o seu sucesso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível inferir que, a partir do cenário relatado neste trabalho – com foco nas posturas que a Coreia do Norte vinha apresentando – que a RPDC estava caminhando, intencionalmente ou não, para uma repetição da história, com a tensão causada pelas armas nucleares, durante a Guerra Fria.

Caso este cenário se tornasse uma realidade, estaríamos inseridos novamente neste embate entre dois países nucleares, desta vez Coreia do Norte e Estados Unidos. Viveríamos, então, em um contexto polarizado, com ameaças mútuas de ataques nucleares, porém, esperar-se-ia que, nenhum desses atores chegassem a ponto de realmente utilizar seus armamentos nucleares.

Na possibilidade de uma nova guerra fria, põe-se em dúvida o entendimento entre esses dois países. Se tornaria mais difícil o estabelecimento de um acordo mútuo de paz, ante a falta de diálogo, enfatizado pela filosofia e políticas norte-coreanas, que não se mostrariam como uma postura pacífica aos olhos da Comunidade Internacional – fazendo com que surgissem desconfianças mútuas quanto à postura de cada país. Por não existir um diálogo, e os países não serem transparentes quanto às suas estratégias, poderio e reais intenções, surge um espaço de incertezas, que faz com que a imaginação do oponente cresça, imaginando o pior dos cenários – comparando as atitudes do oponente com o que ele próprio faria, imaginando-o como um semelhante, especialmente em crueldade e astúcia, refletindo o pensamento Hobbesiano⁹⁷.

A respeito de sua viabilidade, é pouco provável que seja exequível, dado o poderio estadunidense e seu K_{FPI} ⁹⁸ em relação à Coreia do Norte. Apesar disso, não se deve subestimar a capacidade norte-coreana, mesmo que, superficialmente, aparente ser ‘pequena’ e provavelmente não ter poderio para se equiparar aos EUA – dados seus constrangimentos inegáveis, por meio do K_{FPI} , como sua extensão territorial, inferior à dos EUA – a RPDC é ainda um país fechado, tornando-se difícil assegurar sobre sua real capacidade bélica e intenções.

Adiciona-se ainda que a RPDC não pode ser comparada à URSS, na época da Guerra Fria, visto que, dentre muitos fatores, a União Russa Socialista Soviética tinha, acima de tudo um ideal a ser defendido, e possuía aliados que buscavam esse mesmo ideal – sem

⁹⁷ “O homem é lobo do próprio homem”, HOBBS.

⁹⁸ Capital de força-poder-interesse.

contar o K_{FPI} da URSS na época –, fatores que a Coreia do Norte não apresenta, pois está lutando por sua sobrevivência e defesa, não em prol de um ideal.

Acerca do relacionamento da Coreia do Norte com a Coreia do Sul, por meio, principalmente, do Conselho Nacional de Unificação, observa-se no cenário uma mudança de postura.

As tentativas iniciais sul-coreanas de aproximação não foram bem sucedidas, ou eficazes, e a RPDC surpreende, encabeçando uma tentativa de reaproximação coreana, inclusive, aceitando as condições de se desnuclearizar.

Observando o cenário cooperativo como mais benéfico, o atual líder norte-coreano declara seu compromisso com a desnuclearização em troca de garantias, às quais foram asseguradas pelos EUA.

Essa nova postura, se mostra aparentemente duvidosa aos olhos da Comunidade Internacional no presente cenário, dado o enorme contraste em relação às suas posturas anteriores com o mundo, e em especial com os Estados Unidos.

Neste contexto, é possível entender que essa posição norte-coreana não foi aleatória, mas sim, novamente, como consequência da conjuntura internacional vigente, que vem exercendo pressões no sentido de desmotivar a Coreia do Norte a prosseguir com seu programa nuclear e consequentes ameaças.

Os EUA e a China têm papel importante, nessa conjuntura, exercendo grande influência sobre a mudança de postura norte-coreana. A abordagem, inicialmente diplomática utilizada pelos EUA, por si só não foi bem sucedida, fazendo com que o governo Trump se utilizasse de uma estratégia mais ousada para garantir a manutenção da segurança do nordeste asiático. Juntamente com o apoio da China e demais membros do Conselho de Segurança foi conseguida uma mudança por meio da dissuasão.

Contudo, a partir da entrevista feita com um ex-membro do Conselho de Unificação, pode-se ter um ponto de vista mais abalizado sobre as percepções acerca da mudança de postura norte-coreana e, tendo como base experiências passadas, questiona a confiabilidade da Coreia do Norte.

Desse modo, chega-se à conclusão que, apesar das melhores expectativas, é importante que se tomem medidas cautelosas, como a postura adotada pelos EUA, a fim de garantir o êxito da cooperação e da Segurança Internacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANEXO GUIA DE ESTUDOS: GRUPO DOS 6 (G6). Fonte: Simulação das Nações Unidas para Secundaristas (SiNUS) 2017. Disponível em: <<http://sinus.org.br/2015/wp-content/uploads/2017/05/SiNUS-2017-G6-Anexo-Guia-de-estudos-1.pdf>> Acesso em: 06 jan. 2019.

BARATA, Clara. EUA apostam em armas nucleares pequenas para enfrentar a Rússia. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2018/02/03/mundo/noticia/eua-apostam-em-armas-nucleares-pequenas-para-enfrentar-a-russia-1801905>> Acesso em: 25 nov. 2018.

BENNETT, Bruce W. Why North Korea sanctions relief is inappropriate at this time. Fonte: RAND Corporation. Disponível em: <<https://www.rand.org/blog/2018/11/why-north-korea-sanctions-relief-is-inappropriate-at.html>> Acesso em: 05 nov. 2018.

BEZERRA, Juliana. Fonte: Toda Matéria. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/guerra-da-coreia>> Acesso em: 15 out. 2018.

COELHO, Haína. Duas Coreias e Uma Guerra: entenda tudo sobre o conflito. Fonte: Projeto Polítique. Disponível em: <<https://projetopolitique.com.br/duas-coreias-e-uma-guerra-entenda-tudo-sobre-o-conflito/>> Acesso em: 01 nov. 2018

COREIA DO NORTE PODE RETOMAR PROGRAMA NUCLEAR CASO DIÁLOGO COM EUA NÃO AVANCE. Fonte: G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/11/03/coreia-do-norte-pode-retomar-programa-nuclear-caso-dialogo-com-eua-nao-avance.ghtml>> Acesso em: 27 out. 2018.

COREIA DO NORTE TERÁ RECURSOS AVALIADOS EM 7,7 MIL ME. Fonte: Diário de Notícias. Disponível em: <<https://www.dn.pt/globo/asia/interior/coreia-do-norte-tera-recursos-avaliados-em-77-mil-me-2736676.html>> Acesso em 09 jan. 2019.

COREIA DO SUL PROPÕE CONVERSACÕES OFICIAIS A PYONGYANG. Fonte: DW. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/coreia-do-sul-prop%C3%B5e-conversa%C3%A7%C3%B5es-oficiais-a-pyongyang/a-41994153>> Acesso em: 15 out. 2018

CRISE COM NORTE-COREANOS É DIPLOMÁTICA, DIZ BUSH. Fonte: BBC. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2002/021231_bushep.shtml> Acesso em 10 nov. 2018.

CRONOLOGIA: Coreia do Norte vive trajetória de desconfiança e tensão. Fonte: BBC. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2009/05/090525_coreiacronologiag> Acesso em 15 out. 2018.

CUMINGS, Bruce. Korea's place in the sun: A modern history (Updated). WW Norton & Company, 2005.

_____. North Korea: another country. The New Press, 2011.

DAVENPORT, Kelsen. Chronology of U.S. – North Korean Nuclear and Missile Diplomacy. Fonte: Arms Control Association. Disponível em: <<https://www.armscontrol.org/factsheets/dprkchron#2017>> Acesso em: 10 out. 2018.

_____. The Six-Party Talks at a Glance. Fonte: Arms Control Association. Disponível em: <<https://www.armscontrol.org/factsheets/6partytalks>> Acesso em: 05 jan. 2019.

_____. UN Security Council Resolutions on North Korea. Fonte: Arms Control Association. Disponível em: <<https://www.armscontrol.org/factsheets/UN-Security-Council-Resolutions-on-North-Korea#res1874>> Acesso em: 20 dez. 2018.

DELLAGNEZZE, René. A Coreia do Norte e suas relações internacionais no mundo globalizado. Disponível em: <http://www.ambitojuridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=13336> Acesso em: 29 nov. 2018

DOCUMENTO HISTÓRICO: CONHEÇA A ÍNTEGRA DO COMUNICADO DAS DUAS COREIAS. Fonte: O Globo. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/documento-historico-conheca-integra-do-comunicado-das-duas-coreias-22633170>> Acesso em: 03 out. 2018.

EAST ASIA / SOUTHEAST ASIA: KOREA, NORTH. Fonte: CIA. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/kn.html>> Acesso em: 10 nov. 2018.

EM DISCURSO, PUTIN APRESENTA NOVAS ARMAS NUCLEARES E UM MÍSSIL DE ‘ALCANCE ILIMITADO’. Fonte: Estadão. Disponível em: <<https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,em-discurso-putin-apresenta-novas-armas-nucleares-e-um-missil-de-alcance-ilimitado,70002209270>> Acesso em: 23 out. 2018.

ENTENDA O HISTÓRICO DE SANÇÕES DA ONU CONTRA A COREIA DO NORTE. Fonte: O Globo. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/entenda-historico-de-sancoes-da-onu-contr-a-coreia-do-norte-21783643>> Acesso em: 20 dez. 2018.

ENTENDA O QUE ESTÁ EM JOGO NA CÚPULA ENTRE COREIAS DO NORTE E SUL. Fonte: O Globo. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/entenda-que-esta-em-jogo-na-cupula-entre-coreias-do-norte-sul-22628976>> Acesso em: 03 out. 2018.

ENTENDA OS PONTOS-CHAVE DO ACORDO ENTRE EUA E COREIA DO NORTE. Fonte: Folha de São Paulo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/06/entenda-os-pontos-chave-do-acordo-entre-eua-e-coreia-do-norte.shtml>> Acesso em: 15 out. 2018

FACT SHEET: UN SECURITY COUNCIL RESOLUTION 2397 ON NORTH KOREA. Fonte: United States mission to the United Nations. Disponível em: <<https://usun.state.gov/remarks/8238>> Acesso em: 22 dez. 2018.

FIFIELD, Anna. Fonte: The Washington Post. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/world/asia_pacific/north-korea-fires-another-missile-its-latest-step-toward-putting-the-us-within-reach/2017/07/28/7fc4437a-71fd-11e7-8c17-

533c52b2f014_story.html?noredirect=on&utm_campaign=buffer&utm_content=buffer1e87a&utm_medium=social&utm_source=twitter.com&utm_term=.2d5929c75062> Acesso em: 15 out. 2018.

FONTDEGLÒRIA, X. Coreia do Norte qualifica sanções da ONU como “ato de guerra”. Fonte: EL PAÍS: Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/24/internacional/1514094751_307219.html> Acesso em: 23 set. 2018.

FREIRE, M. Cúpula abre diálogo entre as Coreias; entenda 6 pontos-chave para um acordo de paz. Fonte: UOL: Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2018/04/26/coreia-do-norte-coreia-do-sul-encontro-acordo-de-paz.htm>> Acesso em: 03 out. 2018.

GALAMAS, Francisco. O Fator Nuclear e as Dinâmicas Nucleares do Século XXI. 2016. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/proelium/article/view/8915/6413>> Acesso em: 20 out. 2018.

GLASER, Charles L.; KAUFMANN, Chairn. What is the offense-defense balance and how can we measure it?. *International security*, v. 22, n. 4, p. 44-82, 1998.

HOOK, Brian. Policy planning in the Trump administration: principles, priorities, practices. In: BELLI, Benoni; NASSER, Filipe. *The road ahead*. Brasília: Editora Ideal, 2018, p.177-190.

IMAGENS LEMBRAM GUERRA DA COREIA. Fonte: BBC. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/videos_e_fotos/2013/07/130727_galeria_guerra_coreia_an> Acesso em: 01 nov. 2018.

INVESTIMENTO PÚBLICO EM PESQUISA É O QUE ALIMENTA INOVAÇÃO NOS EUA. Fonte: ANPEI: Disponível em: <<http://anpei.org.br/anpeinews/investimento-publico-em-pesquisa-e-o-que-alimenta-inovacao-nos-eua-2/>> Acesso em: 22 set. 2018.

JOINT DECLARATION OF THE DENUCLEARIZATION OF THE KOREAN PENINSULA. Fonte: Peace Maker Disponível em: <https://peacemaker.un.org/sites/peacemaker.un.org/files/KR%20KP_920120_JointDeclarationDenuclearizationKoreanPeninsula.pdf> Acesso em: 22 dez. 2018.

KIM E TRUMP ASSINAM ACORDO PARA DESNUCLEARIZAÇÃO DAS COREIAS; EUA OFERECEM "GARANTIAS DE SEGURANÇA". Fonte: UOL: Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2018/06/12/donald-trump-e-kim-kong-un-assinam-acordo-de-cooperacao-mas-nao-divulgam-detalhes.htm>> Acesso em: 03 out. 2018.

LETTER DATED 4 JULY 2006 FROM THE PERMANENT REPRESENTATIVE OF JAPAN TO THE UNITED NATIONS ADDRESSED TO THE PRESIDENT OF THE SECURITY COUNCIL (S/2006/481). Fonte: United Nations Security Council Resolutions. Disponível em: <<http://unscr.com/en/resolutions/1695>> Acesso em: 20 dez. 2018.

LINHA DO TEMPO DA HISTÓRIA DIPLOMÁTICA DA COREIA DO NORTE E DOS EUA. Fonte: ShareAmérica. Disponível em: <<https://share.america.gov/pt-br/linha-do-tempo-da-historia-diplomatica-da-coreia-do-norte-e-dos-eua/>> Acesso em: 23 set. 2018

LOBELL, S. E. Structural Realism/Offensive and Defensive Realism. Fonte: INTERNATIONAL STUDIES: Disponível em: <<http://oxfordre.com/internationalstudies/view/10.1093/acrefore/9780190846626.001.0001/acrefore-9780190846626-e-304>> Acesso em: 02 out. 2018.

MAGNO, Bruno; GUIMARÃES, Bruno Gomes; PITT, Rômulo Barizon; MUNHOZ, Athos; DUARTE, Raoni Fonseca. Caminhando entre gigantes: a inserção internacional dos Tigres Asiáticos e dos países da ASEAN. Revista InterAção, v. 2, n. 2, 2011.

MELCHIONNA, Helena H. A questão nuclear da Coreia do Norte sob as perspectivas da China e dos EUA. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/40259/000827654.pdf?sequence=1>> Acesso em: 15 nov. 2018.

MINNICH, James M. A Política em Relação à Coreia do Norte: Um Regime Transformado. Fonte: Army University Press. Disponível em: <<https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/military-review/Archives/Portuguese/Minnich-coreia-norte.pdf>> Acesso em: 18 dez. 2018.

MITO DA COREIA DO SUL: não, ela não se desenvolveu com o livre mercado. Fonte Voyager. Disponível em: <<https://voyager1.net/economia/o-mito-sul-coreano/>> Acesso em: 30 out. 2018.

MORGAN, Patrick M. Deterrence: A conceptual analysis. Sage Publications, 1983.

MUNRO, André. Park Geun-Hye President of South Korea. Fonte: Encyclopedia Britannica. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Park-Geun-Hye>> Acesso em: 18 out. 2018.

MUNRO, André. Kenneth N. Waltz, American political scientist and educator. Fonte: Encyclopedia Britannica. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Kenneth-N-Waltz#ref1178361>> Acesso em: 18 out. 2018.

NORTH KOREA: new UN sanctions 'na act of war'. Fonte: BBC. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-asia-42470390>> Acesso em: 10 nov. 2018.

NORTH KOREA NUCLEAR CRISIS: Putin warns of planetary catástrofe. Fonte: The Guardian. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2017/sep/05/south-korea-minister-redeploying-us-nuclear-weapons-tensions-with-north>> Acesso em: 15 nov. 2018.

OSBORNE, Samuel. Putin: North Koreans 'will eat grass but will not give up nuclear programme'. Fonte: Independent. Disponível em: <<https://www.independent.co.uk/news/world/asia/putin-north-korea-nuclear-programme-eat-grass-russia-president-test-missilies-icbm-a7930916.html>> Acesso em: 15 nov. 2018.

PANMUNJOM DECLARATION FOR PEACE, PROSPERITY AND UNIFICATION OF THE KOREAN PENINSULA. Fonte: uk.reuters. Disponível em: <<https://uk.reuters.com/article/uk-northkorea-southkorea-summit-statement/panmunjom-declaration-for-peace-prosperity-and-unification-of-the-korean-peninsula-idUKKBN1HY193>> Acesso em: 13 set.2018

PARK GEUN-HYE: South Korea's first female presidente. Fonte: BBC. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-asia-20787271>> Acesso em: 10 nov. 2018.

PEDERSEN, Rasmus Brun; BEACH, Derek. Process tracing methods: foundation and guidelines. 2016.

PONTOS-CHAVE DA DECLARAÇÃO DE PANMUNJOM, ASSINADA NA CÚPULA INTERCOREANA. Fonte: Estadão. Disponível em: <<https://internacional.estadao.com.br/blogs/radar-global/os-pontos-chave-da-declaracao-de-panmunjom-assinada-na-cupula-intercoreana/>> Acesso em: 03 out. 2018.

PENÍNSULA DA COREIA: RELATÓRIOS COM IMAGENS. Fonte: Institute for Science and International Security. Disponível em: <<http://isis-online.org/isis-reports/imagery/category/korean-peninsula>> Acesso em 25 nov. 2018.

PODERIO MILITAR DA COREIA DO NORTE. Fonte: Euronews. Disponível em: <<https://pt.euronews.com/2017/08/11/o-poderio-militar-da-coreia-do-norte>> Acesso em: 01 nov. 2018

PRESIDENTE SUL-COREANO QUER TRATADO DE PAZ ENTRE AS DUAS COREAS. Fonte: EM. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2018/04/19/interna_internacional,952794/presidente-sul-coreano-quer-tratado-de-paz-entre-as-duas-coreias.shtml> Acesso em: 30 out. 2018

PUTIN DESAFIA OS EUA E ANUNCIA “MÍSSIL NUCLEAR INVENCÍVEL”. Fonte: Pragmatismo Político. Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2018/03/putin-desafia-os-eua-e-anuncia-missil-nuclear-invencivel.html>> Acesso em: 15 nov. 2018.

PUTIN DIZ QUE COREIA DO NORTE ESTÁ SE DESARMANDO MAS EUA NÃO RESPONDEM. Fonte: Terra. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/mundo/putin-diz-que-coreia-do-norte-esta-se-desarmando-mas-eua-nao-respondem,0e9433ef84b75a0237db55a3a926657exqv47qbp.html>> Acesso em: 15 out. 2018.

PUTIN E XI PEDEM GARANTIAS PARA COREIA DO NORTE PELA DESNUCLEARIZAÇÃO. Fonte: Agência Brasil. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2018-09/putin-e-xi-pedem-garantias-para-coreia-do-norte-pela-desnuclearizacao>> Acesso em: 15 nov. 2018.

REIS, Elton G. dos. Pesquisa qualitativa, estudos de caso e process-tracing na análise de política externa contemporânea. Fonte: vox magister. Disponível em: <<https://voxmagister.com.br/2016/04/15/pesquisa-qualitativa-estudos-de-caso-e-process-tracing-na-analise-de-politica-externa-contemporanea/>> Acesso em 05 nov. 2018.

RESOLUTION 1718: NON-PROLIFERATION/DEMOCRATIC PEOPLE'S REPUBLIC OF KOREA. Fonte: United Nations Security Council Resolutions. Disponível em: <<http://unscr.com/en/resolutions/1718>> Acesso em: 20 dez. 2018.

RESOLUTION 1874: NON-PROLIFERATION/DEMOCRATIC PEOPLE'S REPUBLIC OF KOREA. Fonte: United Nations Security Council Resolutions. Disponível em: <<http://unscr.com/en/resolutions/1874>> Acesso em: 21 dez. 2018

RESOLUTION 2087: NON-PROLIFERATION/DEMOCRATIC PEOPLE'S REPUBLIC OF KOREA. Fonte: United Nations Security Council Resolutions. Disponível em: <<http://unscr.com/en/resolutions/2087>> Acesso em: 21 dez. 2018.

RESOLUTION 2094: NON-PROLIFERATION/DEMOCRATIC PEOPLE'S REPUBLIC OF KOREA. Fonte: United Nations Security Council Resolutions. Disponível em: <<http://unscr.com/en/resolutions/2094>> Acesso em: 21 dez. 2018.

RESOLUTION 2270: NON-PROLIFERATION/DEMOCRATIC PEOPLE'S REPUBLIC OF KOREA. Fonte: United Nations Security Council Resolutions. Disponível em: <<http://unscr.com/en/resolutions/2270>> Acesso em: 21 dez. 2018.

RESOLUTION 2321: NON-PROLIFERATION/DEMOCRATIC PEOPLE'S REPUBLIC OF KOREA. Fonte: United Nations Security Council Resolutions. Disponível em: <<http://unscr.com/en/resolutions/2321>> Acesso em: 22 dez. 2018.

RESOLUTION 2371: NON-PROLIFERATION/DEMOCRATIC PEOPLE'S REPUBLIC OF KOREA. Fonte: United Nations Security Council Resolutions. Disponível em: <<http://unscr.com/en/resolutions/2371>> Acesso em: 22 dez. 2018.

RESOLUTION 2375: NON-PROLIFERATION/DEMOCRATIC PEOPLE'S REPUBLIC OF KOREA. Fonte: United Nations Security Council Resolutions. Disponível em: <<http://unscr.com/en/resolutions/2375>> Acesso em: 22 dez. 2018.

RESOLUTION 2397: NON-PROLIFERATION/DEMOCRATIC PEOPLE'S REPUBLIC OF KOREA. Fonte: United Nations Security Council Resolutions. Disponível em: <<http://unscr.com/en/resolutions/2397>> Acesso em: 22 dez. 2018.

SAVADA, Andrea M. North Korea: A Country Study. Fonte: Country Studies. Disponível em: <. <http://countrystudies.us/north-korea/>> Acesso em: 25 nov.2018

SEIS QUESTÕES-CHAVE PARA ENTENDER COMO A COREIA DO NORTE SE TORNOU UMA 'NAÇÃO PÁRIA'. Fonte: BBC. Disponível em:< <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-39707005>> Acesso em: 25 nov. 2018.

STEGER, Isabella. North and South Korea agreed to work on formally ending the Korean War. Fonte: qz. Disponível em: <<https://qz.com/1264087/korea-summit-full-text-of-kim->

jong-un-and-moon-jae-ins-joint-statement-the-panmunjom-declaration/> Acesso em: 01 nov 2018

TAXA DE CRESCIMENTO ANUAL DO PIB DA COREIA DO NORTE. Fonte: trading economics. Disponível em: < <https://tradingeconomics.com/north-korea/gdp-annual-growth-rate>> Acesso em: 25 nov. 2018

TESOUROS SUBTERRÂNEOS DA COREIA DO NORTE DOS QUAIS POUCOS SABEM. Fonte: Sputnik. Disponível em: <https://br.sputniknews.com/asia_oceania/201706188675101-coreia-norte-tesouros-secretos/> Acesso em: 09 jan. 2019

TRATADO DE PAZ ENTRE AS COREIAS NÃO IMPLICA RETIRADA DAS TROPAS NORTE-AMERICANAS. Fonte: Diário de Notícias. Disponível em: <<https://www.dn.pt/mundo/interior/amp/tratado-de-paz-entre-as-coreias-nao-implica-retirada-de-tropas-norte-americanas-9298897.html>> Acesso em: 18 out. 2018

TRÊS INICIATIVAS QUE ENRIQUECERAM A COREIA DO SUL. Fonte: BBC. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150116_gch_coreia_sul_riqueza_pai> Acesso em: 10 nov. 2018.

VEJA A CRONOLOGIA DO PROGRAMA NUCLEAR NORTE-COREANO. Fonte: G1: Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/02/veja-cronologia-do-programa-nuclear-norte-coreano.html>> Acesso em: 23 set. 2018.

VISENTINI, Paulo G. Fagundes; PEREIRA, Analúcia Danilevicz; MELCHIONNA, Helena Hoppen. A Revolução Coreana: o desconhecido socialismo Zuche. SciELO-Editora UNESP, 2018.

WALTZ, Kenneth N. The Spread of Nuclear Weapons: More May Be Better: Introduction. 1981.

ZISSIS, Carin. The Six Party Talks on North Korea's Nuclear Program. Fonte: Council on Foreign Relations. Disponível em: <<https://www.cfr.org/backgrounder/six-party-talks-north-koreas-nuclear-program>> Acesso em: 05 jan. 2019.